

2 A Experiência Histórica do Espírito de Deus em Jesus de Nazaré

Introdução

Depois de termos recolhido do Primeiro Testamento a maneira como foi experimentada a *presença* do Espírito de Deus e como foi percebida sua *ação* em Israel, veremos a partir de agora a Experiência Histórica deste Espírito narrada no Segundo Testamento. No presente capítulo refletiremos como isto aconteceu na pessoa de Jesus de Nazaré, que possuía o Espírito de Deus “sem medida” (Jo 3,34), para que no próximo capítulo possamos destacar como esta experiência ocorreu em algumas comunidades cristãs que se encontram retratadas na Sagrada Escritura. Tudo isto com a mesma finalidade que conduz nossa pesquisa que é a de conhecer *quem é realmente o Espírito Santo que nos é revelado por Jesus* e a de *elencar os critérios de discernimento que brotam da Palavra de Deus*.

Temos claro que só podemos compreender como *a plenitude da manifestação do Espírito de Deus se deu em Jesus de Nazaré*, depois de termos feito o caminho com o povo de Israel, que acabamos de percorrer no capítulo anterior, pois é aí que encontramos os fundamentos de nossa fé. Da mesma forma é fundamental para nós, conhecermos Jesus de Nazaré, o homem cheio do Espírito, para entender como ele se tornou o *paradigma para se elaborar a pneumatologia dos autores cristãos da primeira hora*, que enfocaremos no próximo capítulo. Portanto, o presente capítulo é de essencial importância para nossa dissertação.

Como viveu Jesus de Nazaré sua experiência histórica com o Espírito de Deus? Esta experiência que é expressão da íntima união vivida com o Espírito suscita em Jesus a vivência concreta do *amor agápico*? Dito de outra forma: é o Espírito Santo que possibilita a Jesus viver em radicalidade o amor agápico? Ele soube entregar-se livremente à experiência *extraordinária* do Espírito que plenifica o coração, com experiência *ordinária* do Espírito que leva o ser humano a um compromisso concreto e solidário com os irmãos mais necessitados? Ou será que as duas coisas, experiência extraordinária e ordinária do Espírito não estavam integradas na vida do Nazareno? Jesus soube unir *ação* (conduta ética) e *oração* (experiência mística)? Caso as respostas a estas questões sejam positivas, perguntamo-nos: sendo os cristãos/ãs, homens e mulheres de fé no Deus revelado

em Jesus Cristo, não devem *necessariamente* ter como modelo de sua relação com o Espírito Santo aquele vivido pelo Mestre de Nazaré? Além disso, não deve ser esta a *pneumatologia* que se faz indispensável em nosso mundo, pois nos apresenta *critérios de discernimentos verdadeiramente cristãos*? Estas são algumas das questões que movem nossa reflexão neste capítulo. Portanto, precisamos ter claro como foi vivida a relação de Jesus com o Espírito Santo, para que, como cristãos/ãs, possamos vivê-la de forma coerente com a fé que professamos.

Muitas poderiam ser as formas de abordar tema tão rico e fascinante, no entanto, optamos por uma *narrativa histórica*, por compreender que esta nos permite elencar com mais fidelidade histórica a *pneumatologia que brota da vida de Jesus*, assim como os *critérios de discernimento que podemos recolher de sua vida vivida plenamente no Espírito*. Faremos esta abordagem a partir de uma “*crisologia ascendente*”, percorrendo o mesmo caminho feito pelos discípulos/as do “homem de Nazaré”, para ao final do percurso poder afirmar, assim como eles/as o fizeram, que este homem, que viveu na primeira metade do século I, na Palestina, é Deus.

O Espírito Santo *sempre esteve presente na vida de Jesus, tornando-se sua união e seu companheiro inseparável*, portanto, podemos afirmar que *toda a atividade que Jesus realizou em sua vida transcorreu na presença deste Espírito*. Afirmar isto nos faz evocar imagens de *intimidade e amizade*, entre Jesus e o Espírito, porém estas imagens estão longe daquilo que realmente acontecia no íntimo de Jesus em sua experiência com o Espírito de Deus nos dias de sua vida terrena. Esta *presença contínua* na vida do Nazareno sobressai em alguns momentos particulares, que se encontram narrados nos Evangelhos. Os quatro evangelistas narram estas passagens dando-lhes um colorido próprio, correspondente a sua intenção teológica. Sabendo disto, fizemos uma opção por um dos relatos, onde se encontra narrada a *experiência carismática de Jesus*, deixando de lado os outros relatos paralelos que por ventura existam. Isso foi feito porque nossa intenção não é a de comparar estes relatos, mas sim a de recolher de alguns deles o que nos ajuda a alcançar nosso objetivo. Portanto, é esta *presença misteriosa na vida de Jesus de Nazaré* o que nos propomos averiguar neste capítulo para conhecermos melhor a *revelação do Espírito de*

Deus na época messiânica, tendo consciência de que esse Mistério só pode ser por nós, parcialmente desvelado.

Para desenvolver este capítulo, num primeiro momento analisaremos o termo *pneuma* com sua riqueza de significados e seu uso no Segundo Testamento. A partir daí, iniciaremos a caminhada histórica da experiência do Espírito de Deus no período messiânico com a figura de João Batista. Fizemos essa escolha porque a comunicação aos homens das promessas de salvação de Deus que se cumpriram em Jesus de Nazaré, isto é, a *proclamação do Evangelho*, começa com o chamado à conversão feito por João Batista a seus contemporâneos, e com o batismo que efetua em Jesus (cf. Mc 1,1s). Além do que, este homem é o personagem que liga o Primeiro Testamento ao Segundo. Destacaremos em seguida o que a ação do Espírito de Deus provoca no Batista. Posteriormente acompanharemos o homem de Nazaré em seu batismo no Jordão e ressaltaremos o que este Espírito provoca em Jesus quando é batizado. A partir desta experiência, o Nazareno *se deixa guiar pelo Espírito de Deus* até o deserto onde luta contra o Maligno. Veremos como este Espírito age em Jesus no deserto. A seguir, deixando-se ainda *guiar pelo mesmo Espírito*, Jesus dirige-se para a Galiléia onde irá *atuar sob a ação deste Espírito Santificador*. Em seguida, ressaltaremos o que o Espírito de Deus provoca em Jesus quando *o inabita*. Veremos que esta inabitação o leva a pregar o Reino; a expulsar demônios; a ensinar com autoridade; a anunciar a Boa Nova aos pobres; a curar e perdoar a todos e todas; a acolher as mulheres como suas discípulas e missionárias; a resgatar os pecadores/as; a orar e a ensinar a orar; a denunciar as injustiças daquela sociedade palestinese; a amar de forma radical até o ponto de entregar-se à morte; a prometer e entregar o Paráclito; e finalmente a ressurgir pela força do Espírito.

Depois de acompanhar Jesus em sua vida pública pela Palestina da primeira metade do século I poderemos fazer a seguinte profissão de fé que fizeram seus seguidores/as: *Jesus de Nazaré vem do Espírito*, o que significa dizer, este homem é concebido por sua intercessão. Por conseguinte, este homem que viveu cheio do Espírito de Deus, que *vem do Espírito*, que é *guiado pelo Espírito*, que *atua no Espírito*, que *promete o Espírito*, que *doa aos seus/as* e que se entrega à morte na cruz pelo Espírito é a *presença do próprio Deus no meio de nós*. A partir daí, ao constatarmos que Jesus é o Filho de Deus, daremos atenção para a plenitude da revelação que vem por sua pessoa: Deus é comunhão de amor, Deus é Trindade,

Ele é Tri-Uno! Finalmente recolheremos os principais dados de nossa investigação sobre a Experiência Histórica do Espírito de Deus em Jesus de Nazaré apontando a identidade deste Espírito (ser) e a maneira como se dá sua ação (agir) no Homem de Nazaré, o Cristo de Deus.

Ao final de todo caminho percorrido, poderemos verificar que surge uma *pneumatologia* da vida de Jesus que mantém muito daquilo que vimos no capítulo anterior quando refletimos sobre a *pneumatologia do Primeiro Testamento*. Entretanto, Jesus nos revela uma *grande novidade* em relação ao Espírito Santo de Deus a partir de sua prática e pregação: o *Espírito* é uma pessoa divina.

Todo o caminho, que faremos neste capítulo, tem como finalidade nos preparar para que no próximo possamos conhecer a *pneumatologia de algumas das primeiras comunidades cristãs* que se encontram retratadas no Segundo Testamento, assim como conhecer os *critérios de discernimento* que foram surgindo a partir da experiência carismática destas comunidades.

2.1. *Pneuma*

Para conhecermos a Experiência Histórica que se dá no Segundo Testamento se faz necessário em primeiro lugar entender o significado da palavra *pneuma*. Ela é um termo grego neutro que quase invariavelmente traduz na Septuaginta a palavra feminina hebraica *rûah*.¹ Aparece trezentos e setenta e nove vezes no Segundo Testamento,² sendo usado revestido de *quatro sentidos*. Com o *sentido literal* significando o *movimento do ar*, o *sopro*, o *vento*, ele aparece três vezes. Já com o *sentido antropológico* designando o *princípio da vida que parte na hora da morte* (Mt 27,50 etc.), ou designando o *homem em sua totalidade*, ou ainda indicando o *ser humano visto sob o aspecto de sua “interioridade”* (Mc 2,8; 8,12 +), este termo aparece quarenta e sete vezes. Ainda aparece cerca de trinta e oito vezes com o *sentido demonológico* que remete aos *espíritos maus ou impuros* (Mc 1,23-27; 3,11; 3,30; 5,2 +). E, finalmente, com o *sentido teológico* significando o *Espírito transcendente de Deus e de Cristo*, ele aparece duzentos e setenta e cinco vezes, sendo este o seu sentido dominante no Segundo Testamento. Com este *sentido teológico* aparece: a) cento e quarenta e nove vezes no *sentido absoluto*; b) noventa e três vezes como *Espírito Santo* ou *de santidade*; c) dezoito vezes como *Espírito de Deus*; d) uma vez como *Espírito do Pai*; e) cinco vezes *qualificado cristologicamente*. Deve-se notar que exceto no corpo lucano, a expressão “*Espírito Santo*” não é dominante no Segundo Testamento.³

É digno de destaque observar que a maior parte das *expressões* com que as *atividades* do Espírito de Deus são descritas no Primeiro Testamento encontram-se também no Segundo ao se falar desse Espírito. Por exemplo: ele vem do alto do céu (Mc 1,10; Jo 1,32s; 1 Pd 1,12); vem do Pai (Jo 15,26; 16,13); ele desce (At 10,44; 11,15); é enviado ou dado pelo Pai (Lc 11,13; 1 Jo 3,24; 4,13; Gal 4,6; Rm 8,15s); é derramado (At 2,17; Tt 3,5s); ele enche o homem (Lc 1,15; 4,1; At 2,4; 4,6); repousa sobre ele (Jo 1,32s); ou mora nele (Rm 8,9; 1 Cor 3,16).⁴

¹ Cf. DODD, C. H. *A Interpretação do Quarto Evangelho*. São Paulo: Editora Teológica, Paulus, 2003. p. 284.

² É interessante ressaltar que o termo *rûah* aparece trezentos e setenta e oito vezes no Primeiro Testamento.

³ Cf. ZUMSTEIN, J., DETTWILER, A. Verbete “Espírito Santo”. In: LACOSTE, J. Y. Op. cit., p. 650.

⁴ Cf. IMSCHOOT, P. V. verbete “Espírito”. In: VAN DEN BORN, A. Op. cit., p. 485.

O uso do termo *pneuma* (espírito) nos Atos dos Apóstolos, em Paulo e até certo ponto nos evangelhos sinóticos é *ambíguo*. Vemos nestes escritos o espírito sem o artigo definido (espírito) outras vezes com este artigo (o espírito). Podemos encontrá-lo ainda qualificado pelo adjetivo “santo” ou os genitivos “de Deus”, “do Senhor”, “de Jesus”, mas, apesar de ser usado desta forma, *não podemos afirmar que ele é compreendido nestes casos como uma identidade pessoal*. Para sermos fiéis aos hagiógrafos *devemos guardar esta ambigüidade*, pois tentar eliminá-la usando letra maiúscula (o Espírito Santo) não é sempre certo.⁵ Entretanto, em João, quando o espírito aparece como o *Paráclito*, *talvez seja afirmado mais explicitamente uma realidade pessoal do que em qualquer outra parte no Segundo Testamento*.⁶ Toda esta dificuldade para captarmos o real sentido deste termo no Segundo Testamento é devido ao fato de que “como observa F. Büchsel, *os evangelhos operam com a pneumatologia herdada do Antigo Testamento e do judaísmo*.”⁷ Além disso, é importante destacar que, “quando no judaísmo helenístico *ruah* se torna *pneuma*, as idéias hebraicas e as gregas associadas com o termo devessem agir e reagir umas sobre as outras.”⁸

A partir do exposto, podemos afirmar que o Segundo Testamento traz no termo *pneuma* a riqueza de significados que seu termo correlato *rûah* possui, somado ainda a algumas idéias do helenismo que são absorvidas no encontro que Israel faz com esta cultura. Entretanto, é indispensável afirmar que a concepção de *pneuma* como *força de Deus* que encontramos no Segundo Testamento é em muitos momentos diferente daquela concepção de *força de Deus* que encontramos no Primeiro. Nestes casos encontramos a *grande novidade* que o Segundo Testamento nos traz em relação à compreensão do Espírito de Deus, e isto só foi possível devido à plenitude da revelação trazida por Jesus Cristo.⁹

Há um alerta que precisamos fazer todas as vezes que falamos em *pneuma*, isto é, em “espírito”. Portanto, não podemos deixar de esclarecer, neste momento, e através das palavras de José Comblin, que:

⁵ Cf. McKENZIE, J. Op. cit., p 306.

⁶ Cf. Ibid. p. 308.

⁷ BÜCHSEL F. apud CONGAR, Y. *Revelação e Experiência do Espírito...* Op. cit., pp. 32-33.

⁸ DODD, C. H. Op. cit., p. 286. No oitavo capítulo deste livro Charles Harold Dodd faz uma análise de como se encontram entrelaçadas essas idéias no conceito *pneuma*.

⁹ Cf. McKENZIE, J. Op. cit., p. 305.

“... nossa palavra “espírito” evoca algo completamente diferente do Espírito de Deus. Demonstrou-se a que ponto nossa palavra “espírito” se acha *comprometida pelo dualismo* matéria-espírito, ou corpo-espírito, comum a todas as filosofias derivadas da Grécia. Para nós, “espírito” evoca sempre o contrário de corpo ou matéria. Espírito evoca sempre uma certa substância não-material. *Tudo isso nada tem a ver com o sentido cristão do Espírito.* No entanto, a força da linguagem é de tal ordem, que somos obrigados a repetir, cada vez que falamos do Espírito Santo, que *o espírito de modo algum se opõe seja à matéria, seja ao corpo. Espírito quer dizer força ou ação. Dizer que Deus é Espírito é dizer que Deus é ação, energia, movimento.*”¹⁰

Portanto, é com esta compreensão de *pneuma*, que iniciaremos a caminhada histórica do Espírito Santo narrada no Segundo Testamento. Evidentemente enfocaremos o *pneuma* em seu *sentido teológico*, onde este designa o *Espírito de Deus e de Cristo*, deixando de lado os outros sentidos por nós apontados anteriormente. Para tal destacaremos somente algumas das principais passagens do Segundo Testamento onde, na opinião dos autores/as pesquisados, vemos esta *ação* com maior evidência. Elas nos ajudarão a conhecer melhor *quem é este Espírito e como ele age no Mestre de Nazaré*, com a finalidade de percebermos o que significa para o ser humano e, principalmente, para o cristão e a cristã *viver sendo inabitado por ele*. Mas, para alcançarmos este objetivo, precisamos conhecer, primeiramente, como se dá a experiência de João Batista com o Espírito de Deus e o que a *ação deste Espírito provoca em sua pessoa*, para assim nos situarmos no contexto em que surge Jesus de Nazaré com sua práxis e pregação.

2.2. João Batista

Quem é este “João”?¹¹ Segundo o que lemos nos Evangelhos é o *Batista* que desde o seio materno já se encontra “cheio do Espírito Santo” (Lc 1,15) e que “crescia e se fortalecia em espírito” (Lc 1, 15.80). Homem enviado por Deus para dar testemunho da luz (Jo 1,6. 15). Ele aparece no deserto de Judá, cercado por uma grande multidão que vai vê-lo e ouvi-lo (Mt 3,5.7; Mc 1,5), anunciando o reino (Mt 3,1), o dia do juízo e conclamando ao batismo e à penitência (Mc 1,4). João se considera o precursor daquele que haveria de batizar no Espírito e no fogo

¹⁰ COMBLIN, J. *O Tempo da ação: Ensaio sobre o Espírito e a História*. Petrópolis: Vozes, 1982. p.51.

¹¹ Para aprofundar o conhecimento deste homem na perspectiva do historiador Flávio Josefo que faz sua reconstrução da história do povo judeu consultar FABRIS, R. *Jesus de Nazaré: história e interpretação*. São Paulo: Loyola, 1988. pp. 91-94.

(Mt 3,11s; Mc 1,7s; Lc 3, 15-18), sendo o seu batismo uma preparação para o batismo daquele que havia de vir. Vestia-se de um modo que recorda Elias (comparar Mt 3,4 com 2Rs 1,8) e sua vida no deserto também é um eco do modo de vida de Elias. Enfim, João é “*um homem de Deus, homem carismático-profético que apresenta uma grande afinidade com o Dêutero-Isaías (cf. Is 40-55)*”.¹² O que caracteriza João é sua *inexorável pregação do Juízo* (o esperado fim da história), que vinha associada à oferta de um batismo de imersão na água corrente do Jordão. Este rito batismal, que em face do juízo que se aproxima exigia de todos a *conversão*, é o *elemento novo* que marca sua atividade. Este homem é uma figura que tem *importância e grandeza própria*.¹³ A pregação de caráter ético-religioso e o batismo de João provocam um movimento popular que irá despertar as suspeitas do tetrarca Herodes Antipas. Por precaução este manda prender e matar o Batista (cf. Mc 6, 17-29; Mt 14, 3-12; Lc 3, 19-20).¹⁴

Na visão de Rinaldo Fabris não é nada improvável que Jesus depois de receber o batismo de João no Jordão, haja feito parte de seu grupo de discípulos. Depois se separou deste grupo, levando consigo uma parte de simpatizantes, alguns dos quais se tornaram seus discípulos (Jo 1, 37-42).¹⁵ Jürgen Moltmann concorda com esta probabilidade aventada por Fabris quando nos afirma que “Jesus de Nazaré há de ter sido um dos discípulos do Batista. Jesus só se manifesta em público depois que o Batista foi pela força, reduzido ao silêncio, e o teor de sua mensagem é o mesmo que o de João: ‘Convertei-vos, porque está próximo o reino dos céus’ (Mt 3,2; 4,17).”¹⁶ Apesar disso, é preciso afirmar que há uma *grande diferença* entre estes dois homens de Deus. Alfonso García Rubio ao estabelecer a distinção entre João Batista e Jesus de Nazaré nos aponta as seguintes diferenças: a) o batismo de João *não realiza a salvação*, pois a *renovação do ser humano* concretiza-se mediante o batismo no Espírito daquele que há de vir; b) para João, Deus vem como um *juiz severo*, enquanto para Jesus, Deus vem com sua *misericórdia*; c) João vem ao Jordão *para batizar* e Jesus vem *para ser batizado*, e o faz de forma oculta.¹⁷

¹² GARCÍA RUBIO, A. *O encontro com Jesus Cristo vivo: um ensaio de cristologia para nossos dias*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 29.

¹³ GNILKA, J. *Jesus de Nazaré: mensagem e história*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 74-75.

¹⁴ Cf. FABRIS, R. *Jesus de Nazaré...* Op. cit., p. 95.

¹⁵ Cf. Ibid. p. 97.

¹⁶ MOLTSMANN, J. Op. cit., p. 67. E também FABRIS, R. *Jesus de Nazaré...* Op. cit., p. 97.

¹⁷ Cf. GARCÍA RUBIO, A. *O encontro com Jesus Cristo...* Op. cit., p. 29.

O que a ação do Espírito Santo provoca em João Batista

Como acabamos de destacar João desde o seio materno já se encontra “cheio do Espírito Santo” e “crescia e se fortalecia em Espírito”. Portanto, iremos neste momento destacar os quatro pontos que consideramos os principais resultados da ação do Espírito de Deus em João Batista, tendo claro que esta ação é muito mais abrangente do que aquilo que enfocaremos a seguir.

A ação do Espírito de Deus em João Batista provoca:

2.2.1.

Uma vida de pobreza e austeridade

“Naqueles dias, apareceu João Batista *pregando no deserto* da Judéia e dizendo: ‘Arrependei-vos, porque o Reino dos Céus está próximo’. Pois foi dele que falou o profeta Isaías, ao dizer: ‘Voz no deserto: preparai o caminho do Senhor, tornai retas suas veredas’.

João usava uma roupa de pêlos de camelo e um cinturão de couro em torno dos rins. Seu alimento consistia em gafanhotos e mel silvestre. Então vieram até ele Jerusalém, toda a Judéia e toda a região vizinha ao Jordão, confessando os pecados”. (Mt 3, 1-6)

João desafia a tradição familiar e religiosa de seu tempo. Como filho primogênito do sacerdote Zacarias deveria dedicar-se ao serviço do Templo, pois *é sacerdote por profissão* (Ex 13, 11-16; 22 28-30; Dt 26, 1-2). Apesar disso, prega no *deserto*, sendo Jericó o lugar escolhido por ele, por ser a porta de entrada do povo do Êxodo. Faz isto porque acredita num *novo Êxodo originado na penitência e na conversão*. Do Templo (seu lugar por direito) para o deserto (opção revolucionária), este homem *renuncia aos privilégios sacerdotais, sociais e políticos para assumir uma vida de pobreza e austeridade*. Troca a segurança econômica e o bem-estar, pela insegurança de subsistência e pelas agruras do deserto. Assume por *consciência crítica*, por *sensibilidade à realidade que o cerca*, e pela certeza da *necessidade de reconstrução da justiça*, o estilo de vida profética. O *traje de João* é o mesmo dos beduínos do deserto, *daqueles que vivem desprovidos de tudo*. Ele não precisa viver desta forma, nem de vestir-se assim, porém, faz essa escolha livremente para condenar a luxúria de Jerusalém

(Ez 23, 21-48). Sua *alimentação* é também uma forma de protestar contra os bacanais e banquetes com ovelhas e cabritas roubadas.¹⁸

2.2.2.

Um ensino moral que convoca as pessoas a produzirem frutos de generosidade com os pobres e a renunciarem à opressão e à violência

“Ele dizia às multidões que vinham para serem batizadas por ele: ‘Raça de víboras! Quem vos ensinou a fugir da ira que está por vir? *Produzi, então, frutos dignos do arrependimento* e não comeceis a dizer em vós mesmos: Temos por pai a Abraão. Pois eu vos digo que até mesmo destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão! O machado está posto à raiz das árvores; e *toda a árvore que não produzir bom fruto* será cortada e lançada ao fogo’.

E as multidões o interrogavam: ‘Que devemos fazer?’ Respondia-lhes: ‘*Quem tiver duas túnicas, reparta-a com aquele que não tem, e quem tiver o que comer, faça o mesmo*’. Alguns *publicanos* também vieram para ser batizados e disseram-lhes; ‘Mestre, que devemos fazer?’ Ele disse: ‘*Não deveis exigir nada além do que vos foi prescrito*’. Os *soldados*, por sua vez, perguntavam: ‘E nós, que precisamos fazer?’ Ele disse: ‘*A ninguém molesteis com extorsões; não denunciéis falsamente e contentai-vos com o vosso soldo*’.” (Lc 3, 7-14)

A pregação de João é *dura* (v. 7-9), no entanto, entre a *multidão* que ia até ele para receber o batismo (v. 12-14) encontram-se *publicanos* e *soldados*. Isto porque, eles não querem apenas água sobre a cabeça como rito de “expição”, mas *querem uma mudança de vida* e buscam em João uma *orientação para uma vida nova*. É a partir desse contexto que Lucas nos mostra o *ensinamento moral* do Batista (v. 10-14): *é preciso produzir frutos de generosidade para com os pobres e renunciar à prática da violência e da opressão em relação aos pequeninos da sociedade*.¹⁹ Comentando sobre a radicalização da pregação do Batista, sobre a dureza do caminho apontado por ele para aqueles que buscam a conversão, e sobre o significado de cada uma de suas exortações, Isidoro Mazzarolo nos diz que apesar disso:

“vinham a ele as *multidões* que abarcavam gente de todas as categorias sociais e de todos os partidos religiosos. ‘Quem tem duas túnicas dê uma a quem não tem...’ (3,12) significa *a nova proposta política da distribuição, da partilha e do compromisso sociológico com todos, em nome do Evangelho*. Vinham também *publicanos*, e a estes dizia: ‘Não exigais mais do que está estipulado’ (3,13) revela que *João conhecia o caminho pelo qual os fiscais podiam corromper-se e*

¹⁸ Cf. MAZZAROLO, I. *Evangelho de Mateus: ouvistes o que foi dito...? Eu, porém vos digo...!* Coisas velhas e coisas novas! Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2005. pp. 44-50.

¹⁹ McKENZIE, J. Op. cit., p. 489.

corromper. A honestidade de quem cobra é proporcional a quem paga, e a corrupção ou falsificação dos critérios levava muitos deles a buscar riquezas por caminhos ilícitos. Vinham também *soldados* (3,14), e também eles tinham caminhos de corrupção: ‘Não maltrateis nem denunciéis ninguém e contentai-vos com vosso pagamento’. *João Batista tinha conhecimento dos caminhos pelos quais os soldados exigiam prêmios para não prender, para soltar presos ou para facilitar a vida dos corruptos*. Por outro lado, os inocentes podiam pagar a conta sem serem responsáveis. Todos os que iam para o deserto à procura do profeta perguntavam o que deveriam fazer, e João lhes dava respostas concretas: *Quem tem, reparte com quem não tem. Quem não tem nada pode ter dons e com eles realizar comprometedoras ou transformadoras ações.*”²⁰

Estes são os *frutos concretos* indicados por João Batista e que dirão se houve ou não conversão real daqueles que buscam uma “vida nova” e não somente um rito de purificação.

2.2.3. Humildade

João é *humilde* o suficiente para reconhecer seu lugar. Desta forma é capaz de preannunciar que aquele que vem depois dele é mais forte e tem mais poder que ele.

“*Eu vos batizo com água para o arrependimento, mas aquele que vem depois de mim é mais forte do que eu. De fato, eu não sou digno nem ao menos de tirar-lhe as sandálias*. Ele vos batizará com o Espírito Santo e com o fogo.” (Mt 3,11)

João realiza o batismo com água como *preparação para o Reino de Deus e para a vinda daquele que haveria de batizar com o Espírito Santo e com o fogo*. Isidoro Mazzarolo nos esclarece que:

“O batismo na água estava ligado aos ritos de purificação das tradições dos judeus e, mais especificamente, dos essênios, mas João *acrescentava um elemento novo* a esse rito das tradições, *a conversão*. *A conversão não fazia parte dos ritos judaicos*, purificar-se não era converter-se, mas lavar-se. As purificações judaicas eram apenas um medo de doenças e contaminações, mas *não atingia o interior da pessoa, seu comportamento e sua consciência*”.²¹

Portanto, João com seu batismo prepara a *grande purificação messiânica*.²² Este homem é *humilde* igualmente ao confessar sua função de *precursor*, não querendo

²⁰ MAZZAROLO, I. *Lucas: a antropologia da salvação*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2004. pp. 76-77.

²¹ MAZZAROLO, I. *Evangelho de Mateus...* Op. cit., p. 56. Grifo nosso.

²² Cf. IMSCHOOT, P. V. Verbetete “Espírito”. In: VAN DEN BORN, A. Op. cit., p. 486.

que seus ouvintes sejam confundidos a respeito do Messias. É capaz de perceber a grande diferença entre ele e o Messias a ponto de confessar-se *indigno de tirar suas sandálias*. Para entendermos o alcance desta afirmação de João vejamos ainda o que nos diz Isidoro Mazzarolo a respeito da função de “tirar as sandálias de uma pessoa” naquela sociedade:

“O escravo tirava as sandálias do seu senhor, carregava-as com cuidado, lavava-lhe os pés e prestava o serviço de submissão. João acredita que a *diaconia para Jesus* exigia uma qualificação maior em termos de *dignidade e condições pessoais*; por isso *não se considera capaz para essa tarefa*”.²³

Portanto, a humildade de João Batista chega ao ponto de, apesar de viver uma vida de austeridade dedicada a Deus e à conversão de seus irmãos, se considerar indigno de ser um escravo do Messias.

2.2.4. O reconhecimento do Messias

João é capaz de reconhecer Jesus como um *Cordeiro pascal* que tomaria para si a culpa do povo e realizaria um ato libertador definitivo. Além disto, confessa com *alegria e humildade* sua própria condição de intermediário que levaria as pessoas a conhecer, acolher e crer em Jesus.²⁴

“No dia seguinte, ele vê Jesus aproximar-se dele e diz: ‘*Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo*. Dele é que eu disse: *Depois de mim, vem um homem que passou adiante de mim, porque existia antes de mim*. Eu não o conhecia, mas, para que ele fosse manifestado a Israel, vim batizar com água’. E *João deu testemunho*, dizendo: ‘Vi o Espírito descer, como uma pomba vinda do céu, e permanecer sobre ele. Eu não o conhecia, mas aquele que me enviou para batizar com água, disse-me: ‘Aquele sobre quem vires o Espírito descer e permanecer é o que batiza com o Espírito Santo. *E eu vi e dou testemunho que ele é o Eleito de Deus*’.” (Jo 1, 29-36)

“João Batista, ao esperar o Messias, *esperava ao mesmo tempo o Espírito em todo o seu poder*; este iria substituir os gestos do homem pela irresistível ação de Deus.”²⁵

²³ MAZZAROLO, I. *Evangelho de Mateus...* Op. cit., pp. 56-57. Grifo nosso.

²⁴ Cf. MAZZAROLO, I. *Nem aqui, nem em Jerusalém: O evangelho de São João*. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2001. pp. 57-59.

²⁵ GUILLET, J. Verbete “Espírito de Deus”. In: LÉON-DUFOUR, X. Op. cit., p. 299.

Portanto, com estes pequenos dados que pudemos conhecer da vida de João Batista, assim como com o resultado da ação do Espírito Santo em sua pessoa, encontramos-nos preparados/as para adentrar na Experiência Histórica que Jesus de Nazaré faz com este mesmo Espírito.

2.3.

Jesus de Nazaré, o homem cheio do Espírito

Enfocaremos agora com maiores detalhes como se deu o relacionamento de Jesus de Nazaré com o Espírito de Deus em sua vida histórica. Percorrendo os evangelhos constataremos que este homem viveu cheio deste Espírito, tendo-o como seu companheiro inseparável. A partir das narrativas evangélicas perceberemos como a ação do Espírito atua constantemente em Jesus, que *se torna dócil a sua orientação*. É importante percorrer este caminho histórico, pois ele nos mostrará que as *escolhas* feitas por Jesus foram o *resultado da inabitação do Espírito de Deus e de sua ação na pessoa do Nazareno*. O Espírito habitou em Jesus de maneira plena, total e sem limitação, com toda sua abundância e redundância. Veremos a seguir como isto se deu concretamente na vida e na pregação de Jesus de Nazaré.

2.3.1.

Jesus se deixa batizar por João

“A tradição neotestamentária atesta unanimemente que Jesus é o portador do Espírito por excelência, e em todos os quatro evangelhos o *batismo de Jesus por João constitui a cena-chave nesse sentido*”.²⁶ É importante destacamos que *“antes do batismo Jesus não aparece agindo na força do Espírito, e seus compatriotas de Nazaré não viam nele nada de excepcional.”*²⁷ Isso pode ser constatado a partir do espanto de seus conterrâneos ao verem Jesus na Sinagoga de Nazaré lendo um texto do profeta Isaías causando admiração a todos por suas palavras cheias de graça (Lc 4,22), ou ainda quando se perguntam de onde vem a sabedoria e os milagres feitos por aquele homem (Mt 13,54-56; Mc 6, 1ss). Portanto, o *batismo* inaugura um novo capítulo na vida de Jesus, *é como um*

²⁶ HILBERATH, B. J. Pneumatologia. In: SCHNEIDER, T. *Manual de Dogmática...* Op. cit., p. 428.

²⁷ CONGAR, Y. *Revelação e Experiência...* Op. cit., p.32.

marco, um referencial apesar de “Jesus ser o Filho de Deus e habitado pelo Espírito Santo desde o seio de Maria.”²⁸

Portanto, é a partir do batismo que marca tão fortemente a vida deste homem, que iniciaremos o percurso de sua *experiência carismática*.

“Aconteceu, naqueles dias, que Jesus veio de Nazaré da Galiléia e foi batizado por João no rio Jordão. E, logo ao subir da água, ele viu os céus se rasgando e o Espírito, como uma pomba, descer até ele, e uma voz veio dos céus: ‘Tu és meu Filho amado, em ti me comprazo’”. (Mc 1, 9-11)

Este relato ao utilizar duas referências ao Antigo Testamento (Sl 2,7, salmo régio e messiânico e Is 42,1, o primeiro versículo do primeiro *Cântico do Servo* de Isaías) quer afirmar que este homem, Jesus de Nazaré, anônimo e perdido na multidão é o *Messias esperado pelo povo* e especificar ainda o *tipo de messianismo* que ele assume em conformidade com a vontade do Pai: o *messianismo de serviço*. Esta messianidade é determinada pelo *dom do Espírito*. O relato ainda afirma que *Jesus é guiado nesse seu caminho pelo Espírito de Deus que o impulsiona e ilumina em sua vida, paixão, morte e ressurreição*.²⁹ Podemos ainda perceber que em seu batismo, Jesus faz uma *experiência particular do Espírito de Deus*: ele vê os céus se rasgando e o Espírito de Deus se manifestando sobre ele numa forma, ao mesmo tempo simples e divina, como uma pomba (v. 10),³⁰ e ouve a voz de Deus (v.11).

Yves Congar ao falar do batismo de Jesus afirma que:

“Ao ser batizado por João, *Jesus é designado e consagrado como aquele por cuja palavra, sacrifício e ação o Espírito entra em nossa história como dom messiânico e, ao menos em ‘penhor’, como dom escatológico*. Certamente o Espírito já esteve em ação anteriormente e já na antiga Disposição”³¹

²⁸ Ibid. p. 33.

²⁹ Cf. GARCÍA RUBIO, A. *Elementos de Antropologia Teológica...* Op. cit., p. 167 e *O Encontro com Jesus Cristo Vivo...* Op. cit, p. 30-31.

³⁰ “Não tem sido possível dar qualquer interpretação garantida a esse simbolismo. Mui provavelmente, não se trata de alusão à pomba que retorna à arca de Noé (Gn 8, 8-12). Alguns, baseando-se em tradições judaicas, identificam a pomba com Israel. *Porventura não sugere ela antes o amor de Deus a descer simbolicamente à terra?* Enfim, de acordo com outras tradições judaicas que viam uma pomba no Espírito de Deus pairando sobre as águas (Gn 1,2), certos críticos julgam que ela lembra a nova criação que ocorre no batismo de Jesus”. LÉON-DUFOUR, X. Verbete “Pomba”. In: LÉON-DUFOUR, X. Op. cit., p. 793. Consultar ainda CONGAR, Y. *Revelação e Experiência do Espírito...* Op. cit., pp. 34-35, e CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007. p. 728.

³¹ CONGAR, Y. *Revelação e Experiência do Espírito...* Op. cit., p. 32

Como age este Espírito que entra na história humana como *dom messiânico através do batismo de Jesus de Nazaré*? Ele revela o Messias prometido à sua maneira misteriosa, a saber, *sem parecer agir*. Percebemos no relato bíblico que *o Filho age e se faz batizar, o Pai fala ao Filho, mas o Espírito não fala e nem age*. Entretanto, *sua presença é necessária e indispensável* para que aconteça o diálogo entre o Pai e o Filho. Apesar disso, permanece *mudo e aparentemente inativo*. Como podemos constatar ele não une sua voz à voz do Pai, não acrescenta nenhum gesto seu aos de Jesus. Podemos então nos perguntar: o que faz então o Espírito? Ele: a) faz com que se realize o *encontro entre Pai e Filho*; b) faz com que *a palavra do Pai seja comunicada a Jesus*, palavra de complacência, de orgulho e amor pelo Filho; c) permite que *Jesus se coloque numa atitude de Filho*; d) faz *elevar-se até o Pai a consagração de Cristo, as primícias do sacrifício do Filho bem-amado*.³² Esta maneira de agir do Espírito de Deus no batismo de Jesus é a sua maneira própria de ser. É uma *forma kenótica*, isto é, o Espírito “esvazia-se de si mesmo” para que o outro, neste caso, o Pai e Jesus, possam ser o protagonistas da ação possibilitada por ele.

Jürgen Moltmann ainda nos diz que:

“O Espírito deve ser entendido como o *sujeito propriamente dito da especial relação de Deus com Jesus e da especial relação de Jesus com Deus*. Por isso o Espírito também ‘conduz’ Jesus à história de mútua interação com Deus, seu Pai, em que ‘por obediência’ ele há de ‘aprender’ seu papel de Filho messiânico... As expressões do ‘descer’ do Espírito sobre Jesus e do ‘repousar’ do Espírito sobre ele levam a que o Espírito seja entendido como a *shekiná de Deus*. É o *autolimitar-se* e o *auto-rebaixar-se* do Espírito eterno e a *empatia na pessoa de Jesus e na história de sua vida e de sua paixão*, da mesma maneira como de acordo com a idéia dos rabinos o Espírito de Deus ligou-se à história da vida e da paixão do povo de Israel.”³³

No relato bíblico do batismo de Jesus ainda podemos constatar que Jesus faz o mesmo movimento do povo, a saber, vai ao deserto para ver o Batista. Neste movimento de Jesus atestamos sua *pedagogia*: ele sendo o maior, submete-se ao

³² GUILLET, J. Verbete “Espírito de Deus”. In: LÉON-DUFOUR, X. Op. cit., p. 300.

³³ MOLTSMANN, J. Op. cit., pp. 67-68. Grifo nosso. É fundamental reportar nosso leitor ao que dissemos sobre a *Shekinah* no primeiro capítulo deste trabalho.

menor, sendo o Filho amado, valoriza e considera a grandeza de João, conferindo dignidade e nobreza à missão do precursor.³⁴

O que a ação do Espírito provoca em Jesus no seu Batismo

Segundo Jürgen Moltmann presume-se que Jesus na hora de seu batismo tenha feito “uma *experiência particular do Espírito* e que *através dela ele tenha reconhecido sua própria vocação e missão*.”³⁵ Corroborando com esta afirmação encontramos Ch. H. Dodd que nos diz: “No batismo aconteceu algo que *modificou o curso da vida de Jesus...*; estamos autorizados a supor que aquele foi o momento em que Jesus *aceitou sua vocação*”.³⁶ A estas palavras Raniero Cantalamessa acrescenta que isto aconteceu:

“não porque antes não a tivesse aceitado, mas porque somente neste ponto de seu ‘crescimento em sabedoria e graça’, como homem, *ela se lhe manifestou clara e concretamente* [...] *É nesse momento, pois, que se verifica a fusão na consciência de Jesus* (enquanto consciência também humana) das duas figuras ideais do *Messias* e do *servo de Javé, fusão que determinará, doravante, a identidade e a novidade messiânica de Jesus e dará um cunho inconfundível a toda sua palavra e ação*”.³⁷

Yves Congar ainda pondera que neste momento Jesus *toma plena consciência* de ser aquele que ‘o Pai consagrou e enviou ao mundo’ (Jo 10, 36), sendo este um tema delicado e difícil de ser tocado: *o crescimento do conhecimento humano de Jesus sobre sua qualidade e missão*.³⁸ Apesar disto, continua afirmando:

“O evento do seu batismo, seu encontro com João Batista, a Palavra que o acompanhou, representam certamente um *momento decisivo na explicação da consciência que ele teve, em sua alma humana, de sua qualidade de eleito, enviado, Filho de Deus e Servo-cordeiro de Deus*”.³⁹

A partir do que acabamos de recolher de autoridades neste assunto podemos afirmar que a ação do Espírito em Jesus na hora de seu batismo o faz *reconhecer*

³⁴ MAZZAROLO, Isidoro. *Evangelho de Marcos: Estar ou não com Jesus*. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2004. pp.34-35

³⁵ Cf. MOLTSMANN, J. Op. cit., pp. 67-68. Grifo nosso

³⁶ DODD, H. apud CANTALAMESSA, R. *O Espírito Santo na vida de Jesus: o mistério da unção*. São Paulo: Ed. Loyola, 1985. p. 12. Grifo nosso.

³⁷ CANTALAMESSA, R. Op. cit., p. 12. Grifo nosso.

³⁸ Cf. CONGAR, Y. *Revelação e Experiência...* Op. cit., p.35.

³⁹ Ibid. pp.35-36.

sua vocação de Messias de Deus e assumir livremente sua missão de Servo de Iahweh através do messianismo de serviço. Este messianismo significa a vivência concreta do *amor-serviço* e da *solidariedade* na medida em que se *ajuda o outro/a a crescer e superar a desigualdade entre os parceiro/as da relação.* Jesus Cristo vive o sentido verdadeiro de serviço na perspectiva cristã, pois ao se aproximar do outro/a, leva-o/a a sério como *outro/a*, e coloca-se à sua disposição a fim de ajudá-lo/a a crescer e ser ele/a mesmo. Logo, toda a pregação e práxis de Jesus são vividas como amor-serviço na dimensão de existir-para-o-outro/a.⁴⁰

Portanto, depois do batismo, Jesus tendo consciência de sua vocação e missão, abandona o estilo de vida privada e *inicia uma atividade pública de intenso compromisso religioso.* Nesta perspectiva “o batismo representa uma *linha divisória* entre as duas formas de vida de Jesus, entre o carpinteiro de Nazaré e o profeta da Galiléia, anunciador do reino de Deus”.⁴¹

2.3.2. Jesus é guiado pelo Espírito

A unção pneumática do Jordão impulsiona Jesus e este *se deixa guiar livremente pelo* Espírito de Deus. A descida deste sobre o Mestre de Nazaré é uma unção que *o prepara para a vida pública*, vida que será vivida em conformidade com a vontade do Pai. Desta forma Jesus, pleno do Espírito Santo depois de seu batismo, é guiado *ao deserto* para enfrentar aí o tentador e posteriormente guiado *à Galiléia*, onde deverá vivenciar concretamente seu messianismo de serviço.

A seguir veremos o Espírito de Deus guiando Jesus:

2.3.2.1. Ao deserto para lutar contra o Tentador

Qual o significado de “deserto” no tempo de Jesus? O deserto representa um rico simbolismo tanto no Primeiro Testamento quanto no Segundo. Vale à pena conferir o que nos diz Isidoro Mazzarolo a este respeito:

“Na tradição veterotestamentária, o deserto era a *morada dos espíritos maus, de satanás e as suas potências.* O deserto era o *lugar da morte.* Para lá era mandado,

⁴⁰ GARCÍA RUBIO, A. *Elementos de Antropologia Teológica...* Op. cit., p. 28-29.

⁴¹ FABRIS, R. *Jesus de Nazaré...* Op. cit., p. 101.

anualmente, o bode expiatório, carregado com os pecados do povo, e sua sorte não era outra, senão ser *devorado pelas feras* (Lv 16, 20-28)".⁴²

Quem é o “Tentador”? Ele “simboliza todas as forças que perturbam, inspiram cuidados, enfraquecem a consciência e fazem-na voltar-se para o indeterminado e para o ambivalente: *centro da noite*, por oposição a Deus centro da luz. Um arde no mundo subterrâneo, o outro brilha no céu.”⁴³

Toda esta riqueza de significados e simbolismos tanto do “deserto”, como do “Tentador”, encontram-se por trás das narrativas da tentação sofrida por Jesus no deserto.⁴⁴

“Então Jesus *foi levado pelo Espírito ao deserto*, para ser tentado pelo diabo. Por quarenta dias e quarenta noites esteve jejuando. Depois teve fome. Então, aproximando-se o tentador, disse-lhe: ‘*Se és o Filho de Deus*, manda que estas pedras se transformem em pães’. Mas Jesus respondeu: ‘Está escrito: Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus’. Então o diabo o levou à Cidade Santa e o colocou sobre o pináculo do Templo e disse-lhe: ‘*Se és o Filho de Deus*, atira-te para baixo, porque está escrito: Ele dará ordem a seus anjos a teu respeito, e eles te tomarão pelas mãos, para que não tropeces em nenhuma pedra’. Respondeu-lhe Jesus: ‘Também está escrito: Não tentarás ao Senhor teu Deus’. Tornou o diabo a levá-lo, agora para um monte muito alto. E mostrou-lhe todos os reinos do mundo com o seu esplendor e disse-lhe: ‘Tudo isto te darei, se, prostrado, me adorares’. Aí Jesus lhe disse: ‘Vai-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás e a ele só prestarás culto’. *Com isso, o diabo o deixou. E os anjos de Deus se aproximaram e puseram-se a servi-lo*”. (Mt 4, 1-11)

É o Espírito que “leva” Jesus ao deserto (v. 1) depois de seu batismo. É, portanto, *no Espírito* que ele enfrenta o demônio. Além disto, é necessário destacar que a tentação *está ligada* ao batismo de Jesus e à declaração: “Tu és (Este é) o meu Filho bem amado”. Segundo Yves Congar o Tentador ao dizer por duas vezes “Se tu és o Filho de Deus” está *colocando à prova a obediência de Jesus ao Pai*. Logo, o desfecho vitorioso de Jesus foi decisivo. “*Satanás fica amarrado, e Jesus o expulsará constantemente, e isso através do ‘dedo’ ou Espírito de Deus*”.⁴⁵

Podemos nos perguntar: qual o *real sentido* da tentação sofrida por Jesus? Mateus (assim também o faz Lucas) relaciona as tentações de Jesus com as sofridas por

⁴² MAZZAROLO, I. *Lucas em João: uma nova leitura dos evangelhos*. Porto Alegre: Mazzarolo Editor, 2000. p. 207. Grifo nosso.

⁴³ CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. Op. cit., p. 337.

⁴⁴ Desenvolver o tema do deserto não cabe a nós nesta pesquisa, entretanto para aprofundá-lo consultar MCKENZIE, J. Op. cit., pp. 228-230; como também CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. Op. cit., pp.331-332

⁴⁵ Cf. CONGAR, Y. *Revelação e Experiência...* Op. cit., p.37.

Israel no deserto, mostrando que *Jesus é o novo Israel que tem êxito onde este fracassou*. Já Marcos deseja fazer alusão ao diferente resultado das tentações em Jesus e em Adão, querendo dizer que *Jesus é o novo Adão que, tendo vencido o tentador, reintroduz o homem no paraíso perdido*. Entretanto, é o próprio Jesus que nos diz o *real sentido* de sua luta com o Tentador no deserto: “*Ninguém pode entrar na casa de um homem forte e roubar-lhe os bens sem primeiro amarrá-lo; só então poderá saquear a sua casa*” (Mc 3, 27). Portanto, no deserto, *sob a força do Espírito, Jesus “amarrar” o adversário*. Primeiro acertou as contas com ele, e depois se pôs ao trabalho, levando avante a sua campanha em território inimigo.⁴⁶ Todavia, este “amarrar o adversário” apontado por Congar e Cantalamessa, não significa que depois do deserto Jesus não tenha sofrido mais nenhuma investida do Maligno. Muito pelo contrário, ao longo de toda sua missão o Adversário se manifestará diante do Homem de Nazaré tentando-o e buscando aniquilá-lo através dos diferentes grupos (saduceus, fariseus, escribas, sacerdotes e Herodes) que se opõem, combatem e criticam Jesus. “Ele se apresenta também no final, de modo particular, na figura do Sumo Sacerdote e de Herodes, que exigem a sentença de morte, confirmando a opção pelo ódio contra o amor (Jo 15,25).”⁴⁷ Jürgen Moltmann faz um ótimo resumo sobre o significado das tentações que o Espírito de Deus impeliu Jesus a passar:

“As tentações mesmas não têm como alvo sua [de Jesus] fraqueza humana, mas sim *sua relação com Deus*: ‘Se és o Filho de Deus, então...’ *O reinado messiânico de Jesus é posto à prova*, e nesta prova ele recebe sua exata definição. Há de ser um reino messiânico *sem pão para as massas famintas* [vv. 3-4], *sem a libertação de Jerusalém* [vv. 5-6] e *sem uma dominação conquistada pela força* [vv. 9-10]. Com isto o caminho de sua paixão já está prefigurado. *Se Jesus permanece em seu dom messiânico do Espírito sem os recursos econômicos, políticos e religiosos da dominação pela força, então ele não pode senão sofrer as forças que se levantam contra ele, e então terá que morrer na fraqueza. Mas é o caminho em que ele é ‘conduzido’ pelo Espírito e por conseguinte o caminho que lhe traz a certeza de sua messianidade. Ao longo deste caminho ele aprende a compreender aquele papel messiânico que lhe é atribuído pelo Espírito de Deus*”.⁴⁸

⁴⁶ Cf. CANTALAMESSA, R. Op. cit., p. 21.

⁴⁷ MAZZAROLO, I. *Evangelho de Mateus...* Op. cit., p. 62.

⁴⁸ MOLTSMANN, J. Op. cit., p. 68.

Como podemos ver, no deserto, diante do Tentador fica confirmada e aceita por Jesus, a experiência que havia vivido em seu batismo: *seu reinado messiânico, dom do Espírito, só pode ser vivido na fraqueza e nunca na dominação.*

2.3.2.2.

Para a Galiléia onde concretizará seu messianismo de serviço

Após as tentações e a vitória de Jesus sobre o Tentador ele é *conduzido pelo Espírito de Deus* e “*com a força deste Espírito* retorna à Galiléia” (Lc 4, 14). O Homem de Nazaré experimenta assim a “*presença do Espírito ativo* em sua pessoa para que possa tornar presente o Reino de Deus e, portanto, eliminar o *reino do demônio*.”⁴⁹ Nos arredores da Galiléia, ele ensina causando alegria, admiração e surpresa a todos/as.⁵⁰

2.3.3.

Jesus atua no Espírito

Toda a conduta de Jesus manifesta que *nele age o Espírito* (Lc 4, 14) porque este o *inabita*, e porque Jesus se deixa livremente ser tomado por esta presença divina. É esta *inabitação*, a saber, este ser habitado por dentro pelo Espírito de Deus que possibilita a Jesus a comunhão com o próprio Deus.⁵¹ É esta *inabitação* que leva ao Nazareno a *força de Deus* para que possa agir, atuar coerentemente com seu *messianismo de serviço* que é em síntese a vontade do Pai para o Filho Amado. Queremos reportar-nos ao que afirma Jürgen Moltmann sobre a *shekinah*. Diz este teólogo que ela é a “*inabitação de Deus* no espaço e no tempo, num determinado lugar e em determinado tempo de criaturas terrenas e em sua história.”⁵² É isto o que acontece em Jesus de Nazaré, quando, livremente, se deixa preencher pela presença do Espírito de Deus que é força para sua missão. Igualmente, é o que acontece com cada ser humano que permite que este Espírito o/a habite. A *inabitação* do Espírito leva a força vital de Deus em Jesus a uma *efusiva plenitude*, a tal ponto que o autor do evangelho de João chama o *dom único do*

⁴⁹ Cf. CONGAR, Y. *Revelação e Experiência...* Op. cit., p.37.

⁵⁰ Cf. MAZZAROLO, I. *Lucas: a antropologia da salvação...* Op. cit., p. 83

⁵¹ Cf. BINGEMER, M. C. L. Encontro com o Deus de Jesus Cristo (Trindade). In: *Iniciação Teológica*. Rio de Janeiro: Edição Experimental, 2006. p. 24.

⁵² MOLTSMANN, J. Op. cit., p. 55.

Espírito de Jesus um “dom sem medida” (Jo 3, 34).⁵³ Além disso, é a *presença do Espírito* no agir de Jesus que caracteriza este agir como “agir salvífico”, ou seja, como agir que transmite a homens e mulheres vida e salvação pura e simplesmente. Finalmente, podemos afirmar como o faz Luiz Fernando Santana: “Jesus, na qualidade de ungido do Senhor, é o ‘pneumatóforo’ messiânico dos últimos tempos, o qual *plenifica todas as promessas da efusão do Espírito reservada para os tempos escatológicos* (cf. Is 32, 15-20; 44 3-5; 59 21).”⁵⁴

O que a ação do Espírito de Deus provoca em Jesus quando o *inabita*

A seguir veremos o que a *presença contínua e amorosa* do Espírito Santo que acompanha, conduz, envolve e *inabita* Jesus de Nazaré *provoca* em sua pessoa.

2.3.3.1. Jesus proclama o “Reino de Deus”

O que é o Reino de Deus? Segundo Schillebeeckx ele é a causa de Deus enquanto causa do homem[...] É o amor universal de Deus manifestado aos homens na vida prática de Jesus[...] É a ação de Deus no mundo manifestando-se contra todas as formas de mal[...] É seu triunfo sobre o mal que “já” está acontecendo na história, porém “ainda não” em plenitude.⁵⁵

O que é o Reino de Deus para Jesus? Observando a vida do Homem de Nazaré percebemos que para ele há uma *vinculação inseparável Abbá-Reino*. Esta vinculação “constitui toda a chave daquilo que parece Jesus pessoalmente *vivia*, constitui todo o horizonte daquilo que Jesus quis *pregar*, e constitui todo o sentido do *discipulado* que, para Jesus, parece não ser mais do que uma introdução a esta experiência.”⁵⁶ Portanto, *Abbá-Reino* é a chave da *pregação*, da *práxis* e da *proposta de seguimento de Jesus*, pois sem o Reino de Deus, que é Abbá, não é possível compreender este homem.

⁵³ Cf. Ibid. p. 68.

⁵⁴ SANTANA, L. F. R. Op. cit., p.54. Grifo nosso.

⁵⁵ Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jésus. La historia de un viviente*. Madrid, 1983. pp. 134, 140-141, 161-162. Para aprofundar o significado de “Reino de Deus” na pregação e práxis de Jesus consultar GNILKA, Joachim. *Jesus de Nazaré: mensagem e história*. Petrópolis: Vozes, 2000. pp. 83-146.

⁵⁶ GONZALES FAUS, J. I. *Acesso a Jesus: ensaio de teologia narrativa*. São Paulo: Loyola, 1981. p. 36.

“Depois que João foi preso, veio Jesus para a Galiléia *proclamando o Evangelho de Deus: ‘Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho’.*” (Mc 1, 14-15)

Depois da prisão de João, Jesus inicia sua atividade autônoma na Galiléia fazendo ouvir sua pregação que *é feita no Espírito*. É digno de destaque lembrar que o *próprio Jesus não faz do Espírito um tema de sua pregação*. No entanto, “tradições pós-pascuais antigas já descrevem sua mensagem acerca do senhorio próximo de Deus e suas ações poderosas *como operadas pelo Espírito*; e mais: descrevem sua vida toda, desde a concepção até a ressurreição, *como existência a partir do Espírito*.”⁵⁷ Toda a pregação do Nazareno encontra-se centrada no anúncio da chegada iminente do Reino de Deus que tem como principais destinatários os “pobres”. Jesus quando se referia aos “pobres” estava falando de pobres no sentido amplo do termo, a saber, todos marginalizados/as e desprezados/as pela sociedade e que Deus quer tomar a seu cuidado. Segundo Jesus, o Reino é para eles, não por terem títulos ou qualidades especiais que os recomende junto a Deus, mas porque Deus é ‘justo’, isto é, liberta e salva os que estão precisando. Este anúncio de Jesus de que o *Reino de Deus é dos pobres* é uma declaração de que os *esquecidos/as e vilipendiados/as pela sociedade* podem contar com o amor gratuito e salvador de Deus. Como podemos ver este anúncio inaugural de Jesus resume a esperança que percorre toda a história bíblica, desde o Êxodo até os profetas do Exílio.⁵⁸ Através desta pregação do Reino compreende-se que ele é *dom do amor de Deus* (cf. Lc 12, 32), é graça oferecida, é presente dado gratuitamente, é soberania divina que se aproxima do ser humano através de Jesus Cristo. Portanto, podemos afirmar que o *Reino de Deus é Jesus em pessoa*, e quem faz de Jesus o Reino em pessoa é o *Espírito de Deus*.⁵⁹ Logo, o Reinado de Deus não está mais distante, pois, com Jesus, que *vive pleno do Espírito*, ele irrompe na história.

O Reino de Deus anunciado por Jesus de Nazaré, *na presença constante do Espírito* revela um Deus

⁵⁷ HILBERATH, B. J. In: SCHENEIDER, T. Op. cit., p. 420.

⁵⁸ Cf. FABRIS, R. *Jesus de Nazaré. História e Interpretação*. Op. cit., p.113.

⁵⁹ Cf. MOLTMANN, J. Op. cit., p. 68.

“muito desconcertante para o *status quo* religioso que predominava na Palestina da primeira metade do séc. I. Certamente, o Deus revelado na pregação e nas atitudes de Jesus não é um Deus opressor, ciumento das realizações humanas, juiz implacável, defensor do moralismo superficial, estéril e hipócrita apresentado pela sociedade bem-pensante da época; não é um Deus que mantém relações comercializadas com o ser humano, e tampouco é um Deus ‘quebra-galho’ ou ‘tapa-buraco’ a manter o ser humano no infantilismo e na passividade alienada; não é um Deus ‘primeiro motor’ do universo ou um Deus impassível e distante do sofrimento, da alegria, do prazer e da angústia humanas...

Jesus nos revela com sua *palavra* e com seu *comportamento* e *atitudes* um Deus de misericórdia, um Deus que nos ama com ternura de Pai (e de Mãe, por que não?), um Deus pronto para o perdão e a reconciliação, um Deus que quer sempre o nosso bem, pronto sempre a nos ajudar para consegui-lo, um Deus que nos capacita para sair do infantilismo e da irresponsabilidade para uma vida que possamos ser e viver livremente, como bem entendeu S. Paulo (cf. Gl 5, 1.13) ou na expressão tão rica de conteúdo de 1 Jo 4,8, um Deus que é *Ágape* (amor gratuito). O Deus revelado por Jesus Cristo (cf. Jo 1,18) não sobrecarrega o ser humano de normas e leis. Para esse Deus apenas importa o amor-serviço que é, na realidade, o único mandamento (cf. Jo 13,34; Rm 13,8-10). Um Deus que não pode ser comprado com presentes, promessas, virtudes, trabalhos pastorais diversos etc. E como poderíamos comprar o Amor, dado que Deus é Amor?”⁶⁰

Jesus só revela Deus, desta forma tão inusitada para os padrões religiosos de seu tempo, porque a experiência que faz deste Deus, *Pai-Mãe de ternura e bondade*, é feita no *Espírito*, que o inabita e possibilita-lhe esta compreensão.

Outro aspecto fundamental no *anúncio* do Reino de Deus feito por Jesus no *Espírito* refere-se à mudança de vida (“arrependei-vos e crede no Evangelho” tem um sentido de *metanóia radical*) que o Reino suscita no ser humano. Logo, a ação de Deus através de seu *Espírito* orientada para a salvação dos homens e mulheres encontra-se em profunda relação com a *ortopraxis* (prática de acordo com o Reino de Deus).⁶¹ Nas palavras de Schillebeeckx: “A *solicitude do homem por seu semelhante é a forma visível em que se manifesta a vinda do Reino de Deus.*”⁶² ou ainda “o amor a Deus, demonstrado no amor ao homem, em ‘servir’, é o sinal que permite reconhecer a irrupção da soberania de Deus neste mundo e em nossa história.”⁶³

Podemos resumir a *pregação* de Jesus sobre o Reino de Deus *inspirada pelo Espírito*, e sua *praxis* vivida sob a *ação deste mesmo Espírito*, em três elementos básicos sobre o Reino: a) ele é graça de Deus; b) ele exige do ser humano uma conduta em consonância com a prática de Jesus (“arrependei-vos”); c) nele não

⁶⁰ GARCÍA RUBIO, A. *Elementos de Antropologia Teológica...* Op. cit., pp. 79-80. Grifo nosso.

⁶¹ Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jésus. La história de...* Op. cit., p. 137, 140, 151.

⁶² *Ibid.*, p.140.

⁶³ *Ibid.*, p.151.

existe direito a retribuição (“crede na Boa Nova”, a saber, Deus dá a salvação a todos/as de graça. O reino de Deus é gratuidade).⁶⁴

2.3.3.2. Jesus expulsa demônios

O que significa realmente “expulsar demônios”? No Dicionário de Espiritualidade é afirmado que o primordial nos relatos do Segundo Testamento sobre esta prática de Jesus é que ele:

*“vence o poder do mal; a concepção materialista de tal poder, que se manifesta na ação de espíritos malignos pessoais, é secundária, embora pareça defendida pelos textos interpretados no contexto da revelação bíblica total [...] a missão de Jesus se relaciona com a cura de toda a pessoa no corpo, na mente, na psique e no espírito. Jesus realiza os exorcismos curando as enfermidades de todo tipo, bem como a pecaminosidade e a ignorância humanas. [...] Jesus compreendeu que nunca basta limitar-se a exorcizar o diabo. Ensinou que é preciso substituir o poder demoníaco por um poder de fazer o bem e por uma iluminação interior do indivíduo; do contrário, a condição posterior deste pode ser ainda pior do que a primeira (Mt 12, 43-45). Portanto, o exorcismo é apenas o primeiro passo do processo de cura; o espírito mau é lançado para fora a fim de ser substituído pelo Espírito Santo”.*⁶⁵

A partir desta colocação de John Navone podemos afirmar que a expulsão de demônios *não está ligada a ritos mágicos pretensamente feitos por Jesus*, mas que significa na realidade a expulsão dos espíritos impuros, das forças que influenciam o mau comportamento e o desvio da conduta das pessoas. Logo, um mau espírito pode ser uma convicção interna que a pessoa teimosamente cultiva, que lhe traz problemas e ainda prejudica os outros. Mais ainda, este mau espírito que habita a pessoa precisa ser lançado fora para que *seja substituído pelo Espírito de Deus*. Além disso, nos esclarece Isidoro Mazzarolo:

*“Jesus não é exorcista; Jesus é senhor sobre o demônio, sobre satã, sobre os espíritos impuros e sobre os seus príncipes. Esta superioridade de Jesus não é demonstração de força, mas de objetivos. Enquanto os demônios estão divididos ou unidos entre si para dominar e para destruir, Jesus está com o Pai e com o Espírito para libertar, para restaurar e conduzir”.*⁶⁶

⁶⁴ Cf. Ibid., p.152.

⁶⁵ NAVONE, J. Verbete “Diabo/Exorcismo”. In: DE FIORES, Stefano e GOFFI, Tullo (org). *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 1993. p. 274. Para aprofundar o tema do exorcismo, consultar ainda GNILKA, J. *Jesus de Nazaré...* Op. cit., p. 119.

⁶⁶ MAZZAROLO, I. *Lucas: a antropologia da salvação...* Op. cit., p.172. Grifo nosso.

Portanto, é a partir desta compreensão que iremos focar Jesus, o homem pleno do Espírito, expulsando os espíritos impuros que impedem o ser humano de ser inabitado pelo Espírito de Deus.

“*Ele expulsava um demônio que era mudo. Ora, quando o demônio saiu, o mudo falou e as multidões ficaram admiradas. Alguns entre eles, porém, disseram: ‘É por Beelzebu, o príncipe dos demônios, que ele expulsa os demônios’.* Outros, para pô-lo à prova, pediam-lhe um sinal vindo do céu. Ele, porém, conhecendo-lhes os pensamentos, disse: ‘Todo reino dividido contra si mesmo acaba em ruínas, e uma casa cai sobre outra. Ora até mesmo Satanás, se tiver dividido contra si mesmo, como subsistirá seu reinado?... Vós dizeis que é por Beelzebu que eu expulso os demônios; ora se é por Beelzebu que eu expulso os demônios, por quem os expulsam vossos filhos? Assim, eles mesmos serão vossos juízes. Contudo, *se eu expulso os demônios pelo dedo de Deus, sem dúvida o Reino de Deus chegou a vós.* Quando um homem forte e bem armado guarda sua moradia, seus bens ficarão a seguro; todavia, se um mais forte o assalta e vence, tira-lhe a armadura, na qual confiava, e distribui seus despojos’ .” (Lc 11, 14-22)

À luz dos evangelhos, depois de Jesus vencer a tentação no deserto, tem-se a impressão que *há um avanço irresistível da luz* que põe em debandada a frente demoníaca das trevas.⁶⁷ Assim sendo, a expulsão do poder do mal faz parte integrante da chegada da Boa Nova. *É no Espírito*, isto é, *pelo dedo de Deus* que Jesus liberta suas vítimas do poder do mal (v.20). Fazer isto, antes de revelar a divindade de Jesus, visa mostrar que o *Reino* já está presente e fermentando dentro do velho mundo. “*Ninguém pode entrar na casa do forte e saqueá-la se primeiro não amarra o forte*” (Mc 3,27). Desse modo, *é no Espírito* que Jesus é aquele mais forte que vence o forte e os demônios impuros cedem lugar ao *Espírito de Deus*. (Mt 12,28).⁶⁸ Além disso, podemos perceber que a interpretação hostil e falsa que os opositores de Jesus fazem de seu poder sobre o Mal e o Maligno acaba confirmando que *ele tinha e agia pelo Espírito de Deus*.⁶⁹

2.3.3.3. Jesus ensina com autoridade

Jesus vai à sinagoga de Cafarnaum não para cumprir o preceito sabático, mas sim com a intenção de *ensinar*. Ensinar constitui-se a *meta prioritária do Mestre de Nazaré* neste momento que caracteriza a *abertura de sua atividade missionária*,

⁶⁷ Cf. CANTALAMESSA, R. Op. cit., p. 21.

⁶⁸ BOFF, L. *Jesus Cristo Libertador: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 42.

⁶⁹ Cf. CONGAR, Y. *Revelação e Experiência...* Op. cit., p.37.

dentro do evangelho de Marcos. Ele ensina de tal forma que todos se admiram diante da autoridade com que instrui.⁷⁰

“Entraram em Cafarnaum e, logo no sábado, foram à sinagoga. E ali ele ensinava. *Estavam espantados com o seu ensinamento, pois ele os ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas*” (Mc 1, 21-22)

Esta *autoridade* com que Jesus ensina e age, leva-nos a questionar: onde ele estudou? Onde adquiriu tais conhecimentos? Segundo Josef Blank o que se expressa com estes versículos do evangelho de Marcos é a “autoridade” de Jesus como sendo *operada pelo Espírito*. Essa afirmação não se trata de mera “legitimação” que o evangelista Marcos deseja dar aos ensinamentos de Jesus, mas tem como finalidade ressaltar que sua “*competência vem do Espírito* e que *Jesus irá “irradiar” este mesmo Espírito em toda sua vida.*⁷¹ Portanto, a autoridade e os ensinamentos excepcionais de Jesus, que causam espanto a todos, vem de sua *intimidade com o Espírito*, este sim, o seu Mestre. Jesus não tem necessidade de mestres especiais, mas tem princípios que o levam a uma *pedagogia da inclusão.*⁷² Segundo O. Spinetoli, o *Espírito Santo é o pedagogo de Jesus e dos cristãos.*⁷³ Portanto, permitimo-nos acrescentar que estes princípios de sabedoria, justiça, inclusão e de gratuidade que caracterizam a pedagogia de Jesus lhe são *segredados pelo Espírito Santo de Deus que o inabita em plenitude.*

2.3.3.4. Jesus leva a Boa-Nova aos “pobres”

Quem eram os “pobres” na sociedade judaica do tempo de Jesus? Já tocamos nesse ponto anteriormente, entretanto, desejamos agora ampliar um pouco mais esse conceito para que fique mais claro quem eram os “pobres” na perspectiva da sociedade judaica contemporânea de Jesus. Embora “pobre” para esta sociedade, não se refira exclusivamente aos economicamente despossuídos, certamente os inclui. Vejamos agora quem são estes homens, mulheres e crianças. Eram pobres:

a) em primeiro lugar, os *mendigos*: os doentes e aleijados, que tinham recorrido à

⁷⁰ Cf. MAZZAROLO, I. *Evangelho de Marcos...* Op. cit., p. 65

⁷¹ Cf. BLANK, J. Verbete “Espírito Santo/Pneumatologia”. In: EICHER, P. Op. cit., p. 246.

⁷² MAZZAROLO, I. *Evangelho de Marcos...* Op. cit., pp. 65-66.

⁷³ SPINETOLI, O. apud MAZZAROLO, I. *Lucas em João...* Op. cit., p. 206.

mendicância porque não tinham possibilidade de ser empregados e não tinham parentes que pudessem ou quisessem sustentá-los; b) as *viúvas* e os *órfãos*: mulheres e crianças que não tinham quem as sustentassem, assim como não tinham nenhuma forma de ganhar a vida para seu sustento naquela sociedade. Viviam de esmolas de comunidades piedosas e do tesouro do Templo; c) os *operários diaristas desqualificados* que se encontravam freqüentemente desempregados e dependiam da ajuda de outras pessoas; d) os *camponeses* que trabalhavam a terra de outrem e que mal tinham como sobreviver; e) finalmente, os *escravos*. Portanto, a palavra “pobre” na época de Jesus abrangia *todos os oprimidos/as pela sociedade*, enfim, todos aqueles/as que dependiam da misericórdia dos outros para sobreviver. Estes homens, mulheres e crianças eram a avassaladora maioria da população na Palestina, a *massa* ou as *multidões* dos evangelhos.⁷⁴

Lucas, o *evangelista do Espírito Santo*, como o chama com razão João Crisóstomo, descreve-nos a visita que fez Jesus à sinagoga de Nazaré e a leitura que ali fez da Palavra de Deus da seguinte forma:

“Ele foi a Nazara, onde fora criado, e, segundo seu costume, entrou em dia de sábado na sinagoga e levantou-se para fazer a leitura. Foi-lhe entregue o livro do profeta Isaías; desenrolou-o, encontrando o lugar onde está escrito: *‘O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor’*. Enrolou o livro, entregou-o ao servente e sentou-se. Todos da sinagoga olhavam-no atentos. Então começou a dizer-lhes: *‘Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura’*. Todos testemunhavam a seu respeito, e admiravam-se das palavras cheias de graça que saíam de sua boca.” (Lc 4, 16-22a).

“Nestas palavras de Jesus *manifesta-se a sua consciência* de realizar, pela sua pregação, as profecias, e de anunciar a vinda do Reino de Deus. Jesus traz a *boa-nova* dos últimos tempos tão longamente esperados”.⁷⁵ Neste momento *o Espírito consagra Jesus com sua unção* para que ele leve a Boa-Nova aos pobres, liberte os presos, recupere a visão dos cegos, restitua a liberdade aos oprimidos e proclame um ano de graça do Senhor (vv. 18-19). Esta unção dá a Jesus *autonomia e liberdade* que jamais poderia receber das autoridades do Templo

⁷⁴ Cf. NOLAN, A. *Jesus antes do cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 1987. pp. 40-42; 47.

⁷⁵ GROSSOUW, W. Verbete “Evangelho”. In: VAN DEN BORN, A. Op. cit., p. 513.

para dizer as palavras ditas neste momento. Somente o Espírito de Deus pode conferir a Jesus a autonomia da vontade do Pai, de forma a que ele possa realizar as obras do Pai e não aquelas que as autoridades do Templo desejam.⁷⁶ Segundo Spineloti, Conzelmann, Fabris, Maggioni e Manicardi citados por Lina Boff em seu livro “Espírito e Missão na obra de Lucas”:

“A unção de Jesus com o Espírito Santo está relacionada diretamente com os pobres. Para estes, Jesus vem anunciar-lhes a libertação do rebaixamento a que são submetidos, resgatar-lhes a dignidade de pobres e realizar a antiga promessa dos patriarcas e profetas de devolver-lhes a esperança e a alegria que sempre buscaram.”⁷⁷

A Boa-Nova trazida por Jesus *sob a inspiração do Espírito* significa que Deus entrou na história para nos revelar que todos/as têm salvação. Esta boa notícia chega com mais força e traz mais alegrias àqueles/as que se julgam impossibilitados/as de recebê-la, a saber, os pobres, todos/as marginalizados/as e espoliados/as da sociedade.

2.3.3.5.

Jesus proclama que o Pai revela o Reino aos “pequeninos”

Quem são estes “pequeninos” a quem o Pai revela o Reino? Na expressão de Alfonso García Rubio “*são homens e mulheres do povo: camponeses e camponesas, pescadores etc. São pessoas que não têm títulos honoríficos para apresentar a Deus, nem posição social, nem estudos especiais, nem poder de qualquer tipo*”.⁷⁸

Na pessoa de Jesus *o Espírito de Deus encontra sua morada estável* e com ele entra em plena relação pessoal. É sob a ação deste Espírito que *exultando de alegria* Jesus diz:

“ ‘Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste essas coisas aos sábios e entendidos, e a revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai, e ninguém conhece quem é o Filho senão o Pai, e quem é o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar.’ (Lc 10, 21-22)

⁷⁶ MAZZAROLO, I. *Lucas: a antropologia da salvação...* Op. cit., p. 84.

⁷⁷ SPINELOTI, CONZELMANN, FABRIS, MAGGIONI e MANICARDI apud BOFF, Lina. Op. cit., p. 28.

⁷⁸ GARCÍA RUBIO, A. *O encontro com Jesus Cristo...* Op. cit., p. 42-43

Aqui se faz necessário esclarecer o porquê dos sábios e entendidos não captarem a revelação do Reino de Deus trazida por Jesus. Seguindo ainda a reflexão de Alfonso García Rubio ele nos elucida esse ponto dizendo que:

“Os letrados orgulhosos e os poderosos em geral (os *sábios e entendidos*), que usam de seu poder para dominar e desprezar os outros, *não estão em condições de captar a maravilhosa e libertadora realidade do Reino*. Este é oferecido *àqueles que o recebem como dom, àqueles que não exigem pagamento por suas supostas virtudes ou títulos de merecimento.*”

Portanto, os homens e mulheres orgulhosos de seu conhecimento e de sua posição privilegiada na sociedade, aqueles/as que usam do poder que possuem para dominar e desprezar os “pequenos” não são capazes de captar exatamente o significado do Reinado de Deus revelado por Jesus. Na realidade *eles/as não desejam e não aceitam* um Reino de gratuidade, pois acreditam que já o alcançaram ou quem sabe, até já o “compraram” com suas qualidades, virtudes e práticas religiosas. Desta forma, estas pessoas não têm *ouvidos para ouvir* que o Reino de Deus, anunciado por Jesus é dom do Amor, dado a todos/as que se abrem à sua ação possibilitada pela *inabitação do Espírito de Deus* em cada ser humano.

2.3.3.6

Jesus cura e perdoa.

O que significam as “curas” feitas por Jesus? Elas estão ligadas ao perdão dos pecados, ou estas duas práticas de Jesus, perdão e cura, são coisas distintas? Encontramos uma ótima síntese para nos responder a estas questões em Cécile Turriot que nos diz:

“Cura no *sentido próprio*, designa a libertação de um mal físico, no *sentido figurado* a de um mal moral, a mitigação de uma dor. Enquanto o homem ocidental contemporâneo está habituado a distinguir claramente os dois registros, *a Escritura apresenta narrativa em que o sentido próprio e o figurado estão enredados, onde os registros de doenças e do pecado se entrecruzam: não se pode tratar do corpo humano adequadamente senão no encontro dos dois planos. O conceito de cura não pode ser separado na noção da salvação nem da de purificação* (pureza/impureza). O pedido de salvação na boca de um paciente

pode também ser, de fato, tanto um pedido de cuidados orgânicos, quanto um apelo a uma palavra do terapeuta.”⁷⁹

Outro esclarecimento importantíssimo sobre as curas feitas por Jesus encontramos em Edward Schillebeeckx. Ele nos afirma que a *doença* no sentido mais amplo da palavra significava, para a mentalidade judaica do tempo de Jesus, “estar debaixo do poder do maligno”. Logo, a cura significava que o “*poder de Deus*” presente em Jesus vencia o “*poder do maligno*” presente no doente.⁸⁰

A partir destes esclarecimentos sobre o que significa a cura na época de Jesus, vejamos como este *homem pleno do Espírito de Deus* ou *pleno do “poder de Deus”* pode curar e perdoar pecados:

“Entrando de novo em Cafarnaum, depois de alguns dias souberam que ele estava em casa. E tantos foram os que se aglomeravam, que já nem havia lugar à porta. E *anunciava-lhes a Palavra*. Vieram trazer-lhe um paralítico, transportado por quatro homens. E como não pudessem aproximar-se por causa da multidão, abriram o teto à altura do lugar onde ele se encontrava e, tendo feito um buraco, baixaram o leito em que jazia o paralítico. *Jesus, vendo sua fé*, disse ao paralítico: ‘*Filho, teus pecados estão perdoados*’. Ora, alguns dos escribas que lá estavam sentados refletiam em seu coração: ‘Por que está falando assim? Ele blasfema! Quem pode perdoar pecados a não ser Deus?’ *Jesus imediatamente percebeu em seu espírito o que pensavam em seu íntimo*, e disse: ‘Por que pensais assim em vossos corações? Que é mais fácil dizer ao paralítico: Os teus pecados estão perdoados, ou dizer: Levanta-te, toma o teu leito e anda? Pois bem, *para que saibais que o Filho do Homem tem poder de perdoar pecados na terra, eu te ordeno – disse ele ao paralítico – levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa*’. O paralítico levantou-se e, imediatamente, carregando o leito, saiu diante de todos, de sorte que ficaram admirados e glorificaram a Deus, dizendo: ‘Nunca vimos coisa igual!’.” (Mc 2, 1-12)

Os sinais que Jesus realiza, na força do Espírito, põem em xeque o mal e a morte. *É o Espírito que concede a Jesus o dom da cura*. O acolhimento, o consolo e o perdão trazidos por Jesus e que reintegram as pessoas, eliminam a somatização dos problemas e produzem as curas.⁸¹ A *cura* e o *perdão* oferecidos por Jesus, *mediante o Espírito*, atingem a pessoa humana tanto em sua dimensão física como espiritual. As múltiplas curas realizadas por Jesus provam sua grande compaixão

⁷⁹ TURIOT, C. Verbete “Cura”. In: LACOSTE, J. Y. Op. cit., p. 502. Grifo Nosso. Para aprofundar o significado das curas e milagres realizados por Jesus consultar GNILKA, J. *Jesus de Nazaré...* Op. cit., pp. 111-131. Recomendamos ainda o excelente artigo de Ludovico Garmus “Jesus Cristo, seus milagres e suas curas” In: MIRANDA, M. F. *A pessoa e a Mensagem de Jesus*. São Paulo: Ed. Loyola, 2002. pp. 143-167.

⁸⁰ Cf. SCHILLEBEECKX, E. *Jésus. La história de un viviente...* Op. cit., p. 167.

⁸¹ Cf. MESTERS, C. Descobrir e discernir o rumo do Espírito: uma reflexão a partir da Bíblia. In: TEPEDINO, A. M. *Amor e Discernimento...* Op. cit., p.46.

diante das misérias humanas, e visam libertar as pessoas desses males. Na perspectiva de Jesus, as curas são também sinais da salvação espiritual, isto é, da *libertação do pecado* (Mc 2,1-12). Desta forma, a ação de Jesus por visar o ser humano em sua totalidade leva a este a *cura física e a libertação espiritual*. Há, portanto, como já dissemos anteriormente, *uma estreita relação entre perdão e cura* que são ofertados por Jesus.

2.3.3.7.

Jesus acolhe as mulheres como suas discípulas e missionárias

Quem eram as mulheres na sociedade judaica do tempo de Jesus? Comentando sobre este assunto Isidoro Mazzarolo nos esclarece que:

“Na época de Jesus os judeus resistiam à integração das mulheres na sociedade. Na sinagoga elas tinham seu *espaço separado*, nos ambientes sociais *se mantinham afastadas*, e na esfera familiar continuavam *propriedade* do marido ou do pai. A mulher, na sociedade judaica, é sempre uma *menor*, ou seja, *sem direitos*.⁸²

Apesar dessa dura realidade sexista, os evangelhos testemunham o *jeito libertador e sem preconceitos* de Jesus olhar e se relacionar com as mulheres, “atitude subversiva” que *causa surpresa* ainda hoje. Muitas pessoas continuam *duvidando* da veracidade da afirmação de que as mulheres foram aceitas como *discípulas* pelo Nazareno. Entretanto, os relatos evangélicos estão aí para comprovar esta declaração.

“Depois disto, ele andava por cidades e povoados, pregando e anunciando a Boa Nova do reino de Deus. Os Doze o acompanhavam, *assim como algumas mulheres* que haviam sido curadas de espíritos malignos e doenças: Maria, chamada Madalena, da qual haviam saído sete demônios, Joana, mulher de Cuza, o procurador de Herodes, Susana e várias outras, que *o serviam* com seus bens”. (Lc 8, 1-3)

⁸² MAZZAROLO, I. *Lucas em João: uma nova leitura dos evangelhos...* Op. cit., p. 151. Grifo nosso. Para aprofundar este tema, recomendamos que se consulte o capítulo dois do livro “As discípulas de Jesus” onde se reflete sobre a situação da mulher no Antigo Oriente Próximo, dando especial destaque para a situação da mulher em Israel. Ana Maria Tepedino neste livro aponta as seis discriminações religiosas e legais que as mulheres sofriam em Israel, simplesmente por serem mulheres. Estas discriminações nos esclarecem o porquê delas serem mantidas afastadas de tudo, ficando confinadas ao espaço doméstico. TEPEDINO, A. M. *As discípulas de Jesus*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1990. pp.56-84; consultar ainda MAZZAROLO, I. *Paulo de Tarso: Tópicos de antropologia bíblica*. Porto Alegre: Edições EST, 1997. pp.71-75; consultar igualmente GNILKA, J. *Jesus de Nazaré...* Op. cit., p. 69.

Ana Maria Tepedino ao refletir sobre o *movimento inclusivo de Jesus* nos afirma que alguns relatos bíblicos, apesar de terem sido:

“escritos em contexto patriarcal, *não conseguem obscurecer o fato da presença e atuação das mulheres no movimento de Jesus*. O texto de Lc 8, 1-3 nos introduz na realidade de que *no movimento de Jesus não havia apenas os ‘doze’ homens, mas também mulheres.*” Além disto, “essa realidade da presença das mulheres no movimento itinerante de Jesus aparece em todos os evangelhos, que apontam para outro aspecto de seu movimento: *suas casas são lugar de reunião da comunidade cristã*, como a casa de Marta, Maria e Lázaro de Betânia (Jo 11, 1-42; 12, 1-8; Lc 12, 38-42)”.⁸³

É importante ainda percebermos que Lucas em seu evangelho “ênfatisa a experiência da diaconia da mulher *antes* de enfatizar o ministério apostólico dos homens, coisa que somente é feita em Lc 9, 1-6. Estas *mulheres discípulas* eram mulheres que haviam *experimentado a graça da cura e da libertação de seus males*.⁸⁴ Lina Boff ao destacar a pneumatologia de Lucas que podemos recolher em seu evangelho ressalta a importância da *missão das mulheres* como sendo um dos traços da ação do Espírito Santo em Jesus.⁸⁵ Como podemos ver Jesus tem um relacionamento com as mulheres diferente daquele encontrado no judaísmo de seu tempo, *a ponto delas desempenharem um papel importante no seu ministério e de encontrarem-se lado a lado com os seus discípulos homens*.⁸⁶ Parece-nos que Jesus quer chamar a atenção para a *situação de marginalização* em que estas vivem. O *relacionamento igualitário* de Jesus busca restituir-lhes a *verdadeira dignidade* que possuem como filhas amadas de Deus, com potencialidades para serem suas *discípulas e missionárias*.⁸⁷ Quem possibilitou a Jesus este *comportamento igualitário e inclusivo*? Reportamo-nos ao que nos disseram anteriormente Isidoro Mazzarolo e Spinetoli: a *pedagogia da inclusão*, característica da práxis de Jesus provém de sua *intimidade com o*

⁸³ TEPEDINO, A. M. Jesus e seu movimento inclusivo (Gl 3,28). In: MIRANDA, M. F. Op. cit., pp. 170-171.

⁸⁴ Cf. MAZZAROLO, I. *Lucas: a antropologia da salvação...* Op. cit., p. 124. Resgatamos aqui o sentido de “cura” que desenvolvemos anteriormente.

⁸⁵ Cf. BOFF, Lina. *Espírito e missão na obra de Lucas-Atos: para uma teologia do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 1996. pp.54-57.

⁸⁶ Cf. MAZZAROLO, I. *Lucas: a antropologia da salvação...* Op. cit., p. 125.

⁸⁷ Cf. TEPEDINO, A. M. *As discípulas de Jesus...* Op. cit., p. 84

Espírito, que é seu *pedagogo*.⁸⁸ Portanto, incluir a mulher em seu discipulado é obra do Espírito de Deus na pessoa do Nazareno.

Este relacionamento inusitado de Jesus com as mulheres pode ser percebido em vários relatos evangélicos. Como o objetivo de nossa pesquisa não nos permite desenvolver o tema do Discipulado das Mulheres que seguiam o Nazareno, apresentamos a seguir uma breve síntese de uma pesquisa que fizemos sobre “O papel das mulheres no Quarto Evangelho”. Podemos destacar entre os relatos bíblicos que nos atestam o *discipulado da mulher no movimento de Jesus*: a) Jo 4, 1-42 que nos mostra Jesus revelando-se à mulher *samaritana* como Fonte de Vida e como Messias, transformando-a em *Missionária e Evangelizadora*. Esta mulher, em autêntica função missionária, convence uma cidade inteira pela força da sua palavra; b) Jo 11, 1-31 que atesta Jesus revelando-se a *Marta de Betânia* como Ressurreição e Vida, transformando-a em *Profeta e Teóloga*. É dos lábios desta mulher que sai a *profissão de fé*, verdadeira síntese teológica, que a coloca ao lado de Pedro; c) Mt 26, 6-13; Mc, 14, 3-9; Jo 12, 1-8 onde vemos Jesus se deixando ungir por *Maria de Betânia* e elogiando-a por seu gesto amoroso e gratuito. Esta mulher torna-se uma *Discípula Amada que crê e ama*, tendo com o seu gesto profético reconhecido Jesus como o Messias esperado; d) Mt 28, 1-8; Mc 16, 1-8; Lc 24 1-10; Jo 20, 1-18 nos declaram que Jesus aparece como Senhor Ressuscitado pela primeira vez a *Maria Madalena* anunciando-lhe a estupenda maravilha de sua Ressurreição. Ele estabelece esta mulher como a *Testemunha da primeira hora e sua Primeira Enviada a comunicar sua ressurreição*. Portanto, podemos dizer que esta mulher foi a *Primeira Missionária da Boa Nova*; e) Jo 2, 1-12 manifesta que em Caná da Galiléia Jesus aceita que *Maria, sua Mãe* seja a *Mediadora da fé*, realizando, a partir da intervenção desta, seu primeiro sinal. Já em Jo 19, 25-27 vemos Jesus entregando Maria como *Mãe da comunidade de fé*. Aos pés da cruz faz desta mulher a *Eminência de todos/as Discípulos/as Amados/as e Mãe destes/as*.

Como podemos constatar todas estas mulheres *fazem uma experiência transformadora através de seu relacionamento com o Nazareno*. Assim como estas que destacamos, tantas outras mulheres que se encontram retratadas nos evangelhos e que não ressaltamos acima, fazem esta experiência transformadora.

⁸⁸ Cf. MAZZAROLO, I. *Evangelho de Marcos...* Op. cit., pp. 65-66; Cf. SPINETOLI, O. apud MAZZAROLO, I. *Lucas em João: uma nova leitura dos evangelhos...* Op. cit., p. 206.

Podemos ainda afirmar que muito provavelmente outras mulheres fazem igualmente esta experiência, mulheres que não tiveram seus encontros com Jesus narrados pelos evangelistas, mas que são acolhidas e resgatadas em sua dignidade e valor por ele. Todas elas a partir do encontro com Jesus tornam-se humanas, recuperadas e dignificadas, sendo capazes de descobrir suas potencialidades e sabendo pô-las a serviço do Reino com alegria, esperança e paixão.⁸⁹ Diríamos hoje que elas vivem um *processo de humanização-salvação* possibilitado pela ação do Espírito de Deus na pessoa de Jesus de Nazaré e, igualmente, possibilitado pela ação deste mesmo Espírito em cada uma delas que pode se abrir a esta ação amorosa de Deus.

Para sintetizar o significado da presença feminina ao lado de Jesus e de sua acolhida amorosa unimos nossa voz à voz de Elizabeth Fiorenza que nos diz:

“Onde quer que o Evangelho venha a ser pregado, promulgado e lido, *o que as mulheres fizeram* não ficará totalmente esquecido, porque *a narrativa evangélica recorda que o discipulado e a liderança das mulheres constituem parte integrante da práxis ‘alternativa’ de Jesus de ágape e serviço*. A ‘luz brilha nas trevas’ da repressão e olvido patriarcais, e essas ‘trevas jamais a venceram’ ”.⁹⁰

Portanto, é fundamental não deixar cair no esquecimento de nenhum dos seguidores/as de Jesus, aquilo que se encontra atestado nos evangelhos: na práxis libertadora do Nazareno, ele vive a *pedagogia da inclusão* através do *amor agápico* e do *amor serviço*. Isto faz com que as mulheres possam participar de seu grupo de discípulos/as, assim como exercer papéis de liderança em seu movimento inclusivo e de serem missionárias do Reino por ele vivido e pregado.

2.3.3.8. Jesus resgata os “pecadores”

Quem são os “pecadores” no tempo de Jesus? Não são somente as *pessoas de má conduta* (prostitutas, assaltantes, usurários, jogadores...), mas também aquelas pessoas que *desconhecem a lei* ou as que *exercem profissões consideradas*

⁸⁹ Cf. TEPEDINO, A. M. *As discípulas de Jesus...* Op. cit., p. 124.

⁹⁰ FIORENZA, E. S. *As Origens Cristãs a partir da Mulher: uma nova hermenêutica*. Tradução: João Rezende Costa. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 382.

“impuras” do ponto de vista da lei judaica (açougueiros, cobradores de impostos, pastores etc.).⁹¹ A categoria de pecadores inclui também, *os que não pagam o dízimo aos sacerdotes*, e os que são *negligentes quanto à observância do repouso sabático e da pureza ritual*. Os *analfabetos* e os *não instruídos* são igualmente pecadores, pois se encontram incapacitados de cumprir as leis e os costumes que os fariam pessoas “virtuosas”. Todos eles são considerados “a ralé que não sabe nada da lei” (Jo 7, 49). Portanto, os pecadores são os *párias sociais*.⁹²

“Todos os *publicanos* e *pecadores* aproximavam-se para ouvi-lo. Os fariseus e os escribas, porém, murmuravam: ‘Este homem *recebe os pecadores e come com eles*’”. (Lc 15,2)

“Aconteceu que, estando à mesa, em casa de Levi, muitos *publicanos* e *pecadores* também *estavam com Jesus e os seus discípulos* - pois *eram muitos os que o seguiam*. Os escribas dos fariseus, vendo-o *comer com os pecadores e os publicanos*, diziam aos discípulos dele: ‘Quê? Ele come com os *publicanos* e *pecadores*?’”. (Mc, 2,15-16)

A maioria das pessoas de hoje, dificilmente, pode entender o *escândalo* que Jesus provoca na sociedade de seu tempo ao *misturar-se com os pecadores*. “Sentar-se à mesa com alguém” ou “partilhar refeição”, para a cultura judaica do tempo de Jesus, significa que a pessoa está se associando a esta outra. Logo, partilhar refeição é uma forma de *amizade particularmente íntima*. Portanto, com esta atitude Jesus está aceitando o pecador e demonstrando que queria ser realmente “amigo de publicanos e pecadores” (Mt 11,19). Esta aceitação e amizade causam um efeito miraculoso sobre os pobres e oprimidos desta sociedade tão sectária e preconceituosa.⁹³

De onde Jesus capta este comportamento tão excepcional e insólito para os moldes religiosos de seu tempo? Para que ele possa viver e conviver comprometido com estes homens e mulheres considerados pecadores/as, e ainda marginalizados/as pela sociedade palestinese do século I, *Jesus vivia em total intimidade com o Pai no Espírito*. No Espírito este homem experimenta que Deus é uma experiência de amor, não um conceito doutrinário ou teológico. Deus é, em

⁹¹ Cf. GARCÍA RUBIO, A. *O Encontro com Jesus Cristo...* Op. cit., p.43. Para conhecer a situação espiritual, religiosa e social em Israel no tempo de Jesus recomendamos consultar GNILKA, J. *Jesus de Nazaré...* Op. cit., pp. 49-70. Nestas páginas o autor faz uma boa síntese da sociedade civil e religiosa de Israel na época de Jesus.

⁹² Cf. NOLAN, A. *Jesus antes do cristianismo...* Op. cit., p. 42.

⁹³ Cf. Ibid. p.60.

Jesus, uma experiência afetiva e afetuosa. Esta experiência leva Jesus a perceber que *Deus ama a todos, sem exceção, irremediavelmente e apaixonadamente*.⁹⁴

Portanto, é a partir desta *vida no Espírito* que Jesus pode acolher a prostituta, o ladrão, a adúltera,... (cf. Mt 21, 31); comer com os publicanos (cf. Mt 9, 10- 13); perdoar-lhes os pecados (cf. Lc 7,41-43; Mt 18, 23-25; Lc 15, 11-32...); hospedar-se na casa de alguns deles e até convidar um para ser seu discípulo (cf. Mt 9,9). Enfim, Jesus *acolhe todos os excluídos/as*, e numa postura altamente irreverente, se deixa envolver, se apaixona, se compadece do povo sofrido e se compromete com cada um e cada uma.

2.3.3.9.

Jesus ora e ensina a orar

Nos evangelhos existe um Jesus “íntimo” e quase oculto em suas entrelinhas. É o Jesus que ora. Os trechos que apresentam Jesus em oração não passam de pequenas frases, e, às vezes é muito fácil ir adiante sem dar-nos conta deste Jesus orante.⁹⁵ Apesar disso, devemos perceber que os evangelhos *revelam a necessidade absoluta de oração que Jesus possui e o lugar que ela ocupa em sua vida*. Além disto, estaríamos errados se reduzíssemos essa oração a um simples desejo que Jesus possui de intimidade e consolo com o Pai. A oração de Jesus diz respeito à sua *missão*, à sua *vida*, às suas *opções*, à sua *pregação*, à sua *prática*, e à *educação dos discípulos*.⁹⁶

Para adentrar no *mistério da oração de Jesus* recorreremos ao evangelista Lucas, pois é ele quem mais nos mostra Jesus orando. Iremos simplesmente recolher deste evangelista as ocasiões em que Jesus se encontra em oração, pois não é possível fazer uma exposição mais aprofundada da *realidade misteriosa* que foi esta oração, coisa que escapa ao objetivo de nossa pesquisa.

Segundo o evangelista Lucas:

a) Jesus estava em oração quando recebeu o *batismo*:

“Ora, tendo o povo recebido o batismo, e no momento em que Jesus, também batizado, *achava-se em oração*, o céu se abriu e o Espírito Santo desceu sobre ele

⁹⁴ Cf. MOREIRA, G. L. *Mística evangélica do compromisso com os pobres*. In: *Horizonte Teológico*. Belo Horizonte: O Lutador, 2003. pp. 83-84

⁹⁵ Cf. CANTALAMESSA, R. Op. cit., p. 47

⁹⁶ BEAUCHAMP, P. Verbete “Oração”. In: LACOSTE, J. Y. Op. cit., p. 681.

em forma corporal, como pomba. E do céu veio uma voz: ‘Tu és meu Filho; eu, hoje, te gerei!’ ” (3, 21-22)

b) Jesus se retira para lugares isolados para *entrar em diálogo com o Pai*:

“A notícia a seu respeito, porém difundia-se cada vez mais, e acorriam numerosas multidões para ouvi-lo e serem curadas de suas enfermidades. *Ele, porém permanecia retirado em lugares desertos e orava*” (5, 15-16)

c) Jesus ora uma noite inteira antes da *escolha dos doze*:

“Naqueles dias, ele *foi à montanha para orar e passou a noite inteira em oração a Deus*. Depois que amanheceu, chamou os discípulos e dentre eles escolheu os doze aos quais deu o nome de apóstolos.” (6, 12-13)

d) Jesus sobe o monte para “orar” e “enquanto ora” o seu rosto muda de aspecto e *se transfigura*:

“Mais ou menos oito dias depois dessas palavras, tomando consigo a Pedro, João e Tiago, *ele subiu à montanha para orar. Enquanto orava*, o aspecto de seu rosto se alterou, suas vestes tornaram-se de fulgurante brancura.” (9, 28-29)

e) Certo dia, Jesus orava; ao vê-lo orar os discípulos que estão em torno dele descobrem, pela primeira vez, o que é oração, dão-se conta que eles na realidade nunca rezaram, *pedem a Jesus que os ensine a rezar*. Nasce assim o Pai-Nosso que é como que um eco vivo da oração de Jesus transmitido aos discípulos.⁹⁷

“Estando em certo lugar, *orando*, ao terminar, um de seus discípulos pediu-lhe: ‘Senhor, *ensina-nos a orar*, como João ensinou a seus discípulos.’ ” (11,1)

f) A última cena no evangelho de Lucas em que Jesus reza é a do *Getsêmani*:

“E afastou-se deles mais ou menos a um tiro de pedra, e, *dobrando os joelhos, orava*.” (22, 41).

Enfim, é o Espírito Santo que suscita no coração de Jesus a palavra *Abbá* (querido paizinho) para se dirigir a Deus, *é este mesmo Espírito que provoca sua oração de*

⁹⁷ Para aprofundar a beleza e o rico conteúdo desta oração que nos foi ensinada por Jesus, consultar CASTRO, S. Verbete “Pai-Nosso”. In: DE FIORES, S. e GOFFI, T. Op. cit., pp. 879-889. Nestas páginas o autor analisa detalhadamente cada uma das invocações e dos pedidos que compõem esta oração.

*louvor, de exultação, de agradecimento, de angústia, de tristeza, e de suprema oferenda da vida.*⁹⁸ Edward Schillebeeckx ao tratar da oração de Jesus que invoca a Deus como *Abbá* nos diz:

“A forma como *Jesus ora ao Pai* reflete um modo de falar sobre Deus que deixa surpresos seus ouvintes, a tal ponto que, inclusive, em alguns casos chega a ser *escandaloso*. O fato de que Jesus invoca a Deus como *Abba* não o distancia do judaísmo tardio; mas esta invocação (*expressão de uma peculiar experiência religiosa*) começa agora a *suscitar questões teológicas, por estar unida à mensagem, à atividade e à práxis de Jesus.*”⁹⁹

Portanto, Jesus não só faz a *experiência no Espírito de que Deus é Paizinho*. Mas, também *age, no mesmo Espírito*, de acordo com aquilo que experimenta em sua oração. E, é exatamente isto o que incomoda ao *status quo* religioso de seu tempo. Dito de outra forma, a oração de Jesus está *intimamente vinculada aos acontecimentos de sua vida e sua vida é o reflexo de sua oração*. Mística (oração) e prática concreta (ação) encontram-se articuladas na vida do Nazareno, uma alimentando a outra, sem dualismos mutiladores. Portanto, não encontramos na oração de Jesus qualquer forma de alienação ou fuga, pois a oração feita por ele fecunda sua vida, e esta por sua vez, está aberta diretamente à oração que faz.¹⁰⁰

“Uma característica básica da vida de Jesus é transitar da montanha para a planície, ou seja, dos *‘infernos da vida’ para a intimidade com Deus*. Jesus se preocupava em dedicar tempo à *comunhão com Deus*. E conciliava militância com momentos de oração. *Militância e oração: uma alimenta a outra*. Para Jesus, ação não é oração – *Ele pára para orar.*”¹⁰¹

É de fundamental importância para a realidade que vivemos nos dias de hoje perceber esta *espiritualidade integrada* na vida de Jesus de Nazaré, onde oração e ação se retroalimentam.

2.3.3.10. Jesus denuncia todo tipo de injustiça

Os judeus contemporâneos de Jesus não faziam distinção entre política e religião. Questões que nós hoje classificaríamos como políticas, sociais, econômicas ou

⁹⁸ Cf. CANTALAMESSA, R. Op. cit., pp.49-50.

⁹⁹ SCHILLEBEECKX, E. *Jésus. La história de un viviente...* Op. cit., p. 242.

¹⁰⁰ Cf. GARCÍA RUBIO, A. *O Encontro com Jesus Cristo...* Op. cit., p. 87.

¹⁰¹ MOREIRA, G. L. Op. cit., p.83.

religiosas, seriam todas elas consideradas por eles em termos de Deus e sua Lei. Um *problema secular* teria sido inconcebível naquela sociedade teocrática, e isto pode ser constatado já no Primeiro Testamento. Nesta perspectiva o relacionamento de Israel com Roma é uma *questão político-religiosa* e Jesus, como homem de seu tempo, não difere desta visão. Ele quer que Israel seja libertado sim. Porém, pretende cumprir essa expectativa político-religiosa, não do modo como os seus contemporâneo/as esperavam, e certamente não do modo como os zelotas tentavam cumpri-la. Jesus deseja libertar Israel de Roma, *persuadindo Israel a mudar*, pois *pleno do Espírito*, enxerga aquilo que só alguns homens cheios do Espírito (os profetas) conseguiram enxergar: *havia mais opressão e exploração dentro do judaísmo do que fora dele*. Sem mudança de mentalidade no interior do próprio Israel, a libertação seria impossível. *Jesus quer um mundo qualitativamente diferente: o Reino de Deus*. Ele não aceita a simples troca de um reino mundano por outro, pois isso não seria libertação nenhuma. Seu desejo, portanto, é *transformar Israel*, de modo que Israel possa apresentar aos romanos um exemplo vivo dos *valores e ideais do Reino*.¹⁰² Para que tal transformação aconteça, Jesus *denuncia toda forma de injustiça*, o que não o faz um revolucionário social e político como hoje o entendemos.¹⁰³ Entretanto, podemos afirmar que ele é um homem comprometido social, econômica, religiosa e politicamente diante da realidade de seu tempo (Mc 7, 2-13; Mt 12,9-14; Mt 23,1-36...). Assim age porque seria impossível viver a novidade do Reino sem seu comprometimento solidário com o sofrimento dos seres humanos concretos que estão a sua volta e *sem denunciar as estruturas desumanizantes de sua sociedade*.

“Jesus então dirigiu-se às multidões e aos discípulos: ‘Os escribas e fariseus estão sentados na cátedra de Moisés. Portanto, *faizei e observai tudo quanto vos disseram. Mas não imitais suas ações, pois dizem mas não fazem*. Amarram fardos pesados e os põem sobre os ombros dos homens, mas eles mesmos nem com um dedo de dispõem a movê-los. Praticam todas as suas ações com o fim de serem vistos pelos homens. Com efeito usam largos filatérios e longas franjas. Gostam do lugar de honra nos banquetes, dos primeiros assentos nas sinagogas, de receber saudações nas praças públicas e de que os homens lhes chamem de Rabi. (Mt 23, 1-7)

¹⁰² Cf. NOLAN, A. Op. cit., pp. 136-142.

¹⁰³ Cf. GARCÍA RUBIO, A. *O Encontro com Jesus Cristo...* Op. cit., p. 92.

Todo o capítulo 23 de Mateus mostra a ruptura de Jesus com os fariseus, os escribas e as autoridades do Templo. Apresenta-nos ainda o Nazareno fazendo uma catequese e algumas exortações aos seus discípulos e à multidão.¹⁰⁴ Entendemos que a citação bíblica (Mt 23) ficaria muito extensa se a colocássemos por inteiro. Por isso, optamos por apresentar a seguir uma síntese dos “sete anátemas contra os escribas e fariseus” onde vemos Jesus “colocando o dedo” na ferida desta sociedade. Seguindo a reflexão de Isidoro Mazzarolo estes são os sete anátemas pronunciados por Jesus:

“1° Ai dos que fecham as portas. Eles não entram e fecham aos outros o acesso ao Reino. [...] 2° Ai dos que fabricam prosélitos à sua imagem e semelhança, mas estes também não conseguem entrar no Reino, pois é duas vezes pior que eles. [...] 3° Ai dos cegos que conduzem cegos. [...] 4° Ai dos que pagam dízimo, mas omitem a justiça, a misericórdia e a fidelidade. [...] 5° Ai dos que limpam o prato e o copo só por fora, mas por dentro estão cheios de rapina. [...] 6° Ai daqueles que são sepulcros caiados com defuntos dentro. [...] 7° Ai dos que edificam túmulos aos defuntos e matam os vivos”.¹⁰⁵

Com estes sete anátemas o Nazareno está indicando com radicalidade e profundidade *a raiz da podridão social e religiosa daquela sociedade*. Jesus deixa claro a corrupção, a hipocrisia, a falsidade, o legalismo, a ganância, o crime organizado, o rigorismo escravizante, o fanatismo, o sectarismo e a mentira destes grupos dominantes, denunciando-os e desmascarando-os.¹⁰⁶ É fundamental lembrarmos que todo este comportamento de Jesus é *fruto de sua íntima relação com o Pai feita no Espírito*.

2.3.3.11. Jesus promete o Paráclito

A promessa do Paráclito é uma característica própria da pneumatologia joanina,¹⁰⁷ pois “a ausência física de Jesus leva João a uma reflexão bem original sobre o Espírito”.¹⁰⁸ Por esta razão deixaremos para analisá-la com mais profundidade no próximo capítulo, quando trataremos da teologia do Espírito em João. Entretanto,

¹⁰⁴ Cf. MAZZAROLO, I. *Evangelho de Mateus...* Op. cit., p. 323.

¹⁰⁵ MAZZAROLO, I. *Evangelho de Mateus...* Op. cit., pp. 327-331.

¹⁰⁶ Cf. GARCÍA RUBIO, A. *O Encontro com Jesus Cristo...* Op. cit., p. 73.

¹⁰⁷ Cf. CONGAR, Y. *Revelação e Experiência...* Op. cit., p. 77.

¹⁰⁸ KONINGS, J. *Evangelho Segundo João: amor e fidelidade*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 2000. p. 317.

apresentaremos a seguir uma breve síntese da promessa feita por Jesus de não deixar abandonados os seus/as. Podemos encontrar esta promessa em cinco sentenças que se encontram dentro do *discurso de despedida de Jesus*. Nestas sentenças Jesus esclarece:

1- Como será a situação dos discípulos/as no tempo de sua ausência. Eles/as precisarão de *um outro protetor, um outro defensor*, pois diante do confronto com o mundo precisarão saber a Verdade de Deus e precisarão igualmente falar a verdade, dando o testemunho certo (cf. Mc 13,13). Por isso, Jesus roga ao Pai que lhes dê o Espírito da Verdade.¹⁰⁹

“e rogarei ao Pai e *ele vos dará um outro Paráclito*, para que convosco permaneça para sempre, o *Espírito da Verdade*, que o mundo não pode acolher, porque não o vê nem o conhece. Vós o conheceis, porque permanece convosco.” (14, 16-17)

2- O Espírito Santo que o Pai enviará em nome de Jesus é sua *memória viva*, pois ensinará tudo e recordará tudo o que ele mesmo disse e ensinou quando caminhavam juntos em sua vida terrena.¹¹⁰

“Mas o Paráclito, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, *ensinar-vos-á todas as coisas e vos recordará tudo o que vos tenho dito*.” (14,26)

3- O Paráclito não vem somente do Pai a pedido de Jesus, mas ele mesmo o envia da parte do Pai.¹¹¹

“Quando vier o Paráclito, que *vos enviarei da parte do Pai*, o Espírito da verdade, o qual procede do Pai, dará testemunho de mim. Também vós dareis testemunho, porque estais comigo desde o princípio.” (15,26-27)

4- O Paráclito mostrará que Jesus tem razão e que aqueles/as que o rejeitaram se condenam a si mesmos/as. Desta forma o chefe deste mundo já está condenado.¹¹²

“No entanto, eu vos digo a verdade: é de vosso interesse que eu parta, pois se não for, o Paráclito não virá a vós. Mas, se for, enviá-lo-ei a vós. E quando ele vier, *estabelecerá a culpabilidade do mundo a respeito do pecado, da justiça e do julgamento: do pecado, porque não crêem em mim; da justiça, porque vou para o*

¹⁰⁹ Cf. Ibid.

¹¹⁰ Cf. Ibid.

¹¹¹ Cf. Ibid.

¹¹² Cf. Ibid.

Pai e não mais me vereis; do julgamento, porque o Príncipe deste mundo está julgado.” (16,7-11)

5- *A Verdade plena, que é o Espírito, guiará os discípulos de Jesus, é a própria Verdade de Jesus, pois o Espírito atualiza o papel do Nazareno em sua ausência. O Espírito fará os seguidores/as de Jesus conhecê-lo em todos os tempos, pois se Jesus estivesse presente no meio de nós diria as mesmas coisas que diz o Paráclito.*¹¹³

“Tenho ainda muito a vos dizer, mas não podeis agora suportar. Quando vier o Espírito da Verdade, ele vos guiará na verdade plena, pois não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas futuras. Ele me glorificará porque receberá do que é meu e vos anunciará. Tudo o que o Pai tem é meu. Por isso vos disse: ele receberá do que é meu e nos anunciará.” (16,12-15)

A partir desses ditos sobre o Paráclito podemos afirmar que Jesus não nos deixa órfãos, pois pede ao Pai que nos mande um outro Paráclito, que permanecerá conosco para sempre (14,14-18.26), que nos defenderá nos tribunais (15,26) e no grande julgamento da história (16,7-8).¹¹⁴ Isidoro Mazzarolo comentando sobre a função do Espírito/Paráclito nos diz que:

*“A apresentação do Espírito e sua função junto aos discípulos e ao mundo revelam a missão da Trindade. Há uma integração das pessoas e, de forma análoga, uma sintonia na missão. O Espírito cumpre a missão do Filho que também cumpre a missão incumbida a ele pelo Pai (5,19-29).”*¹¹⁵

2.3.3.12.

Jesus ama até as últimas conseqüências entregando-se à morte

A morte de Jesus tem íntima conexão com sua vida, seu anúncio do Reinado de Deus e suas práticas libertadoras. As exigências de conversão, a nova imagem de Deus revelada por ele, sua liberdade diante das sagradas tradições, e sua crítica profética aos detentores do poder político, econômico e religioso provocam um conflito do qual resulta sua morte violenta. Podemos ainda garantir que Jesus não provoca sua morte. Esta lhe é imposta por uma conjuntura histórica e ele não a

¹¹³ Cf. Ibid. pp. 137-138.

¹¹⁴ Cf. Cf. MESTERS, C. Descobrir e discernir o rumo do Espírito: uma reflexão a partir da Bíblia. In: TEPEDINO, A. M. *Amor e Discernimento...* Op. cit., p. 37.

¹¹⁵ MAZZAROLO, I. *Nem aqui, nem em Jerusalém...* Op. cit., p. 173.

aceita resignadamente. Apesar disso, Jesus não compactua com os poderosos para poder sobreviver, mas permanece fiel à sua missão de anunciar a Boa-Nova do Reino de Deus e permanece igualmente fiel aos bem-aventurados deste Reino até a morte, amando os seus/as até o fim (Jo 13, 1).¹¹⁶ A entrega de sua vida é expressão de seu *amor*, de sua *liberdade* e de sua *fidelidade* à causa do Reino de Deus e ao Deus deste Reino. Portanto, sua morte é *expressão de seu amor à causa do ser humano*, visto que esta causa é em síntese a causa do Reino, como nos alerta Edward Schillebeeckx.¹¹⁷

“Embora o Espírito encha Jesus com as forças vitais de Deus, pelas quais os enfermos são curados, ele não faz de Jesus nenhum super-homem, mas toma parte em seus sofrimentos até a morte de cruz.”¹¹⁸ O Espírito por sua *Shekinah* se liga ao destino de Jesus em toda sua vida, como vimos até agora, e se une inclusive à sua morte, fazendo isso sem identificar-se com ele. Desta forma o Espírito de Deus passa a ser o *Espírito da paixão* e o *Espírito do crucificado*. Nesse processo de entrega *Cristo é conduzido e determinado pelo Espírito eterno*. Entretanto, é bom deixar bem claro que *Jesus não é propriedade do Espírito*. O que o Espírito faz é dar sua *força* para que Jesus se disponha a entregar sua vida e, além disto, lhe dá *sustentação* a esta entrega.¹¹⁹ “Na paixão e morte de Cristo, quem esteve verdadeiramente ativo não foram os romanos, nem também a morte, mas sim o próprio Cristo pela força do Espírito de Deus que atua nele. Na ‘teologia da entrega’, Cristo, pelo Espírito de Deus, passa a ser sujeito de sua paixão e de sua morte”.¹²⁰

“Depois, sabendo Jesus que tudo estava consumado, disse, para que se cumprisse a Escritura até o fim: ‘Tenho sede!’ Estava ali um vaso cheio de vinagre. Fixando, então, uma esponja embebida em vinagre num ramo de hissopo, levaram-na à sua boca. Quando Jesus tomou o vinagre, disse: ‘Está consumado!’ E, inclinando a cabeça, entregou o espírito.” (Jo 19, 28-30)

¹¹⁶ Cf. GARCÍA RUBIO, A. *O Encontro com Jesus Cristo...* Op. cit., pp. 91-101. Nestas páginas o autor nos esclarece a causa da morte violenta de Jesus como sendo a *conseqüência histórica* do tipo de vida assumido por ele, o *messianismo de serviço em conformidade com a vontade do Pai*. Aliado a isto a pregação e prática de Jesus desestabiliza o sistema religioso e social predominante entre os judeus de seu tempo.

¹¹⁷ SCHILLEBEECKX, E. Op. cit., p. 130.

¹¹⁸ MOLTMANN, J. Op. cit., p. 68-69.

¹¹⁹ Cf. Ibid. p. 69.

¹²⁰ Ibid. Grifo nosso.

Segundo Ana Maria Tepedino a frase do versículo 30 b “*E, inclinando a cabeça, entregou o espírito*” dentro da teologia do Quarto Evangelho tem duplo sentido: *o de exaltar o último suspiro e o ato de cumprir a promessa de doar o Espírito aos crentes.* ¹²¹ Podemos perguntar-nos: qual é a “vontade do Pai” neste momento da entrega radical de Jesus e de doação de seu Espírito? A “vontade do Pai” fica expressa na cruz através de *seu silêncio ao pedido do Filho*. Há um grande mal entendido quanto à “vontade do Pai” neste momento crucial da vida de Jesus. Por isso, precisamos reafirmar que a “vontade do Pai” sempre foi a de que Jesus assumisse o *messianismo de serviço*, coisa que ele o faz até ser rejeitado por seres humanos concretos. Portanto, é da “vontade do Pai” que Jesus *seja fiel ao messianismo de serviço até as últimas conseqüências*, estando incluída aí a possibilidade da morte violenta. ¹²²

O Espírito neste momento de dor e abandono “experimenta” o “expirar” e o “entregar-se” de Jesus moribundo (Mc 15,36; Jo 19,30), pois ele também está envolvido no sofrimento, visto que repousa no Filho e o acompanha em sua paixão. Podemos admitir aqui, como o faz Jürgen Moltmann, uma kénosis ¹²³ do Espírito, que em sua *Shekinah* pode ser visto no Jesus que sofre, que é acusado e que está prestes a morrer. Caso não aceitássemos esta “fraqueza” no Espírito e o víssemos somente como uma força que impulsiona Jesus, sua *ação seria somente exterior*. ¹²⁴ São profundamente belas as palavras de Moltmann que tentam traduzir, mesmo que limitadamente, este mistério que nos atesta a *presença do Espírito de Deus* na experiência da ausência de Deus Pai (Mt 27, 46; Mc 15, 34) no momento da morte de seu “Filho Amado”:

“*Graças ao Espírito de Deus que inabita nele e que sofre com ele, Jesus suporta o abandono de Deus em lugar do mundo abandonado por Deus, com isto levando-o para mais perto de Deus, isto é, reconciliando-o com Deus. Ele próprio leva o Espírito de Deus ao mundo abandonado por Deus, aquele Espírito que roga por nós com gemidos inefáveis, como diz Paulo em Romanos 8 [...]*” ¹²⁵

¹²¹ Cf. TEPEDINO, A. M.. A importância do Espírito Santo/Paráclito na Tradição Joanina. In: *Atualidade Teológica*. Fac. 20. Rio de Janeiro: Letra Capital Editora, 2005. p. 161.

¹²² Cf. GARCÍA RUBIO, A. *O Encontro com Jesus Cristo...* Op. cit., pp.93-95.

¹²³ Para aprofundar este conceito consultar BRITO, E. Verbetes “Kenose”. In: LACOSTE, J. Y. Op. cit., pp. 983-987.

¹²⁴ MOLTSMANN, J. Op. cit., p.73.

¹²⁵ Ibid. p.71.

Finalmente Moltmann nos esclarece que “O Espírito de Deus não é somente aquele que conduz Jesus em sua entrega à morte, mas muito mais aquele que *o liberta da morte.*”¹²⁶

2.3.3.13. Jesus ressuscita e entrega o *Paráclito*

A revelação de Deus vinda ao mundo por meio de Jesus não termina com sua morte. O *Espírito de Deus* que o conduz por toda sua vida e em sua entrega à morte na cruz é o mesmo que *o liberta da morte*. Este fato é enfatizado nos testemunhos cristãos mais antigos (Rm 1,1-4; 1 Tm 3,16; 1 Pd 3,18). Apesar disso, a ressurreição de Jesus, fato central da pregação apostólica, e do qual depende inteiramente a fé explícita em Jesus Cristo (1 Cor 15, 17), não é narrada no Segundo Testamento. O que se encontra aí narrado, em primeiro lugar é o *encontro do túmulo vazio* e, posteriormente, as *aparições do ressuscitado*.¹²⁷

É exatamente o sofrimento que o Espírito passa com o Filho até a morte de cruz (kénosis do Espírito) que torna interiormente possível o *renascimento de Cristo pelo Santo Espírito*. Por haver acompanhado o Filho do Homem até o fim, ele pode *fazer deste fim o novo começo*.¹²⁸ É o valor da vida, das atitudes, das opções, do comportamento, da mensagem e da morte de *Jesus*, tudo isso vivido no *Espírito* em fidelidade e amor ao *Pai*, que a ressurreição confirma como sendo o único caminho possível para a Vida em Plenitude. Portanto, a ressurreição não é um milagre bonito de se olhar, mas é a proclamação para o mundo de que *Jesus tinha razão em tudo o que fez e falou*.¹²⁹ Ela confirma que Jesus agora é “Senhor”, junto com o Deus Vivo e Presente (Fl 2, 5-11).

Como já apontamos anteriormente Jesus precisou partir para deixar o Espírito (“é de vosso interesse que eu parta, pois se não for, o Paráclito não virá a vós. Mas se for, enviá-lo-ei a vós.” Jo 16, 7). Nas palavras de Yves Congar:

“O Cristo glorificado, “Adão escatológico”, não se tornou somente corpo espiritual, mas “*espírito que dá a vida*” (1Cor 15,42-45). Tendo dado seu corpo

¹²⁶ Ibid.

¹²⁷ Por este motivo não apresentaremos nenhum texto bíblico sobre a ressurreição.

¹²⁸ Cf. MOLTSMANN, J. Op. cit., p.73.

¹²⁹ Cf. GARCÍA RUBIO, A. *O Encontro com Jesus Cristo...* Op. cit., p. 113.

carnal em sacrifício, Jesus recebeu um corpo espiritualizado, glorioso, *fonte de vida.*”¹³⁰

É exatamente por isso, que o Ressuscitado, *comunicador de vida em plenitude*, concede a seus discípulos/as os dons de seu Espírito. Jesus não está mais presente na forma humana, a olhos vistos, razão pela qual deixa em seu lugar o Paráclito (“E, inclinando a cabeça, *entregou o espírito.*” Jo 19, 30 b). Portanto, na ausência, de Jesus, *ele estará presente na história, como Senhor, por meio de seu Espírito.*¹³¹

2.3.4. Jesus vem do Espírito

Somente depois de percorrermos todo este caminho feito por Jesus de Nazaré, podemos fazer a afirmação: *este homem de Nazaré vem do Espírito.* Ou ainda como o faz Leonardo Boff quando exclama: “*humano assim só pode ser Deus mesmo!*”¹³² Neste momento, encontramos-nos preparados/as para lançar um olhar para o início da história de Jesus de Nazaré e “compreendê-la” em todo o seu *mistério.*

“No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão chamado José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria. Entrando onde ela estava, disse-lhe: ‘Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!’ Ela ficou intrigada com essa palavra e pôs-se a pensar qual seria o significado da saudação. O Anjo, porém, acrescentou: ‘Não temas, Maria! Encontraste graça junto a Deus. Eis que conceberás no teu seio e darás à luz um filho, e o chamarás com o nome de Jesus. Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará na casa de Jacó para sempre, e o seu reinado não terá fim’. Maria, porém, disse ao anjo: ‘Como é que vai ser isso, se eu não conheço homem algum?’ O Anjo lhe respondeu: ‘*O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra; por isso o Santo que nascer será chamado Filho de Deus.* Também Isabel, tua parenta, concebeu um filho na velhice, e este é o sexto mês para aquela que chamavam estéril. Para Deus, com efeito, nada é impossível’. Disse, então, Maria: ‘Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo tua palavra!’ E o Anjo a deixou.” (Lc 1, 26-38)

¹³⁰ CONGAR, Y. *A Palavra e o Espírito...* Op. cit., p. 105. Grifo nosso.

¹³¹ Cf. KONINGS, J. *Evangelho Segundo João...* Op. cit., p. 404.

¹³² BOFF, L. *Jesus Cristo Libertador...* Op. cit., p. 131.

É, portanto, o envio do Espírito Santo que constitui como “santo” e como “Filho de Deus” o menino suscitado no seio de Maria. Yves Congar ao esclarecer essa afirmação nos diz que:

“O que chamamos de *união hipostática* é, como ‘obra *ad extra*’, o ato das Três Pessoas; o resultado dessa ação é a união na Pessoa do Verbo-Filho. *Mas é o Espírito que, ao atualizar em Maria a capacidade feminina de conceber (e, portanto, suprindo os 23 cromossomos masculinos) suscita o ser humano que se une ao Verbo-Filho e, por isso, mesmo o faz ‘santo’. De maneira que Jesus é Emanuel, Deus conosco, porque ele é (concebido) pelo Espírito Santo.*”¹³³

É interessante perceber que há uma clara intenção teológica, no fato do Novo Testamento (Mt 1,18-25 e Lc 1,26-38) *retrotrair* até o início do devir humano de Jesus. Esta intenção é a de *afirmar a identidade originária de Jesus, afirmar seu “surgimento pelo Espírito”*. Portanto, a intenção é cristológica e não mariológica.¹³⁴ Apesar de sabermos disso, gostaríamos de acrescentar, mesmo que de forma sintética a *perspectiva mariológica* sobre a concepção de Jesus que nos apresenta Clodovis Boff. Este teólogo nos diz que o versículo onze é o vértice de toda a perícopes de Lc 1, 26-38, quando o evangelista assinala que, pela intervenção do Espírito de Deus, Maria gera o Messias. Ele nos afirma ainda que:

“o verbo ‘cobrir com a sombra’ ou ‘ensombrear’ (*epi-skiá-zein*), evoca a Nuvem misteriosa do Êxodo que ‘ensombreira’ a ‘Tenda da reunião’, transformando-a na Morada de Deus (*Shekinah*) (cf. Ex 40, 34 LXX; Nm 10, 34). Com estas evocações, Lc *parece sugerir* o seguinte e maravilhoso sentido: *cobrindo a Virgem com sua sombra e tornando-a fecunda do Filho de Deus, o ES transforma Maria na nova Shekinah, a nova Casa de Deus. Ela é agora o novo ‘Tabernáculo do encontro’, onde a humanidade pode entrar em comunhão com seu Deus.*”¹³⁵

¹³³ CONGAR, Y. *Revelação e Experiência...* Op. cit., p.33. Nota de rodapé 3a. Grifo nosso.

¹³⁴ Cf. BLANK, J. Verbete “Espírito Santo/Pneumatologia”. In: EICHER, P. Op. cit., p. 246.

¹³⁵ BOFF, C. *Introdução à Mariologia*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 51. Grifo nosso. Precisamos estar alertas com relação a esta afirmação feita por Clodovis Boff para não fazermos uma relação direta com a afirmação de Jürgen Moltmann sobre a *shekinah*. Aqui, em Clodovis Boff, a *shekinah* é entendida em seu *significado original* de “morada de Deus”, logo, podemos afirmar que Maria é esta morada, visto que Deus habitou em seu ventre. Conseqüentemente, podemos dizer que Maria é a *shekinah*. Já na reflexão de Moltmann a *shekinah* é entendida como a “presença de Deus no meio do povo”, com outras palavras, é a “inabituação de Deus no espaço e no tempo, num determinado tempo de criaturas terrenas e em sua história”. Conseqüentemente, é pertinente se afirmar, como o faz Jürgen Moltmann, que a *idéia da shekinah desenvolvida pelo judaísmo se aproxima* mais daquilo que nós cristãos/ãs confessamos ser o Espírito Santo. Desejamos deixar bem claro que ao fazermos a citação de Clodovis Boff não pretendemos dizer que Maria se aproxima daquilo que entendemos ser o Espírito Santo. Na realidade nossa intenção ao usar este texto de Clodovis Boff em nossa dissertação é a de destacar o papel importantíssimo desta mulher em toda obra salvífica. Ressaltar como Maria *se abriu totalmente à ação do Espírito Santo, que a inabitou*, vivendo totalmente para Deus e para seus irmãos e irmãs, de tal forma que pode gerar em seu ventre o Filho de Deus, isto é, o próprio Deus.

Portanto, é a *inabitação do Espírito de Deus no seio da jovem Maria*, que a fará gerar o Messias. Mas, apesar disso, é usando de sua *liberdade* que a Virgem consente a ação em plenitude do Espírito Santo em sua pessoa, e faz isto na fé. Logo, Maria nos é apresentada neste relato como *figura de liberdade e figura de fé*, pois é seu ato de liberdade e de fé que abre a possibilidade do próprio Deus vir *habitar* no meio de nós.¹³⁶

Maria Clara Bingemer em seu artigo “Abba: um Pai Maternal”, que busca resgatar a imagem de Deus como um Pai de entranhas femininas, ao falar da concepção virginal de Maria nos afirma que ela é obra do Pai, alertando-nos que ao mesmo tempo este trabalho do Pai “*é recebido pelo Espírito Santo, Amor Materno, Amor Concebente fértil, receptividade divina que faz grávida a virgem que torna divinamente possível aquilo que é humanamente impossível.*”¹³⁷

O chamado de Jesus à vida ocorre no Espírito. Desde o primeiro instante ele habita em Jesus e o faz existir, desde o seio materno ele faz de Jesus, o Filho de Deus.¹³⁸ Os dois evangelhos da infância acentuam esta ação inicial do Espírito (Mt 1,18 “antes que coabitassem, *achou-se grávida pelo Espírito Santo*”; e Lc 1,35 que já relatamos acima). Entretanto, o evangelho de Lucas ao comparar a anunciação feita a Maria com as anunciações anteriores encontradas na Bíblia, seja a de Sansão (Jz 13,5), ou a de Samuel (1 Sm 1,11) ou ainda a de João Batista (Lc 1, 15), quer enfatizar que estes três foram consagrados a Deus desde sua concepção, mas que em Jesus a *ação do Espírito é mais do que uma consagração*. Nele sem intermédio de qualquer rito, sem a intervenção de qualquer homem, mas *unicamente pela ação do Espírito de Deus em Maria*, Jesus é “santo” pelo seu próprio ser.¹³⁹

Entre os inspirados de Israel as manifestações do Espírito de Deus tinham sempre algo de *ocasional e transitório*, como vimos no primeiro capítulo. Em Jesus elas são *permanentes*. *Ninguém jamais teve o Espírito como ele, “além de toda medida”* (Jo 3, 34). Os inspirados do Primeiro Testamento tinham consciência de serem possuídos por “alguém” mais forte que eles. Em Jesus não vemos este

¹³⁶ Cf. BOFF, C. Op. cit., p. 53.

¹³⁷ MANTEAU, H. M.; BONAMUY. apud BINGEMER, M. C. L. Abbá: um Pai maternal. In: *Atualidade Teológica* n° 5, 1999. pp. 142-143

¹³⁸ Yves Congar nos alerta que Lc 1, 35 não se refere à preexistência do Verbo ao falar da concepção de Jesus pelo Espírito. Cf. CONGAR, Y. *Revelação e Experiência...* Op. cit., p. 32.

¹³⁹ Cf. GUILLET, J. Verbete “Espírito de Deus”. In: LEON-DUFOUR, X. Op. cit., p. 300

resquício da inspiração. Parece que ele pode realizar as obras de Deus sem a ação do Espírito. Não que ele possa jamais prescindir do Espírito, como igualmente não pode prescindir do Pai; mas, como o Pai “está sempre com ele” (Jo 8, 29), assim também *o Espírito nunca lhe pode faltar*. A ausência, em Jesus, das habituais repercussões do Espírito é sinal de sua *divindade*. Ele não sente o Espírito como uma força que o invadisse de fora. O Espírito está “em casa” e Jesus está “à vontade” no Espírito: *o Espírito é dele, é o seu próprio Espírito* (cf. Jo 16, 14s).¹⁴⁰

2.3.5. Jesus é a revelação plena do Amor Trinitário

Chegando ao final de toda esta caminhada feita através da vida terrena do Nazareno, podemos agora afirmar que ele é:

“... um *autêntico fenômeno do Espírito: concebido, inspirado, enviado, assistido, guiado e ressuscitado dos mortos por seu poder*. Usando uma imagem da arte cinematográfica, podemos dizer que Jesus de Nazaré era ao ator principal e o Espírito Santo o diretor. Por meio da história humana de Jesus, o Espírito que penetra todo o universo torna-se concretamente presente numa pequena porção desse mesmo universo. Portanto, a totalidade da vida de Cristo – da encarnação à ressurreição – representa na história a expressão perfeita da experiência da atuação do Espírito. Por isso, *é critério para avaliar qualquer outra experiência histórica de sua ação. Toda experiência cristã da atuação do Espírito Santo é constitutivamente cristológica.*”¹⁴¹

Essa afirmação é para nós de fundamental importância visto que afirma uma de nossas teses: Jesus Cristo, (vida, pregação, práxis, morte e ressurreição) é o *critério* para avaliarmos a experiência do Espírito Santo na história e na vida de cada ser humano.

É neste *Jesus de Nazaré*, homem pleno do *Espírito de Deus* e que vive uma íntima união com o *Pai*, que se dá a plenitude da revelação: *Deus é Trindade!* O conteúdo “Deus é Pai”, “Deus é Filho” e “Deus é Espírito Santo” é manifestado *no e pelo Filho*.

Ao revelar que Deus é Pai Jesus nos leva a compreender que Deus é:

¹⁴⁰ Cf. *Ibid.* p. 301

¹⁴¹ HOTTZ, P. R. O Espírito de Jesus Cristo e o desafio da religiosidade pentecostal. In: FRANÇA MIRANDA, M. (Org). *A pessoa e a mensagem de Jesus*. São Paulo: Ed. Loyola, 2002. p.208.

“*Transcendência, superioridade, criador, fonte escondida, origem sem origem, mistério fontal do qual tudo provém e ao qual tudo retorna... [Ele] é a fonte da vida. É aquela realidade que não entendemos, mas sentimos que nos abarca, nos abraça, nos cria, nos faz, nos mantém vivos a cada minuto de nossa existência.*”¹⁴²

Afirmando que Deus é Pai Jesus se revela como o Filho. Logo, Deus também é Filho. Revelando-nos sua filiação divina Jesus nos leva a perceber que:

“no Filho, Deus – o Transcendente, o separado, o inatingível, aquele a quem ninguém podia ver e continuar vivo – *se torna um de nós, se torna de carne e osso como nós, se torna humano conosco e como nós.*”¹⁴³

No entanto, toda essa revelação feita por Jesus só foi possível a partir do Espírito Santo. “*Jesus é o homem do Espírito que realiza o plano salvífico do Pai no meio de seu povo.*”¹⁴⁴ Jesus é o Cristo que revela o Pai na glorificação pelo Espírito. Revelando que Deus também é Espírito, Jesus Cristo nos deixa entrever que este Espírito:

“constitui a *força ativadora de Deus na história.* Neste sentido Ele significa o próprio Deus enquanto age, inova, abre caminhos novos na história com os homens e mulheres e com a criação... *A obra do Espírito, entretanto, reside fundamentalmente em revelar para todos o Filho e atualizar a gesta libertadora do Filho. O acesso ao Filho se dá no Espírito... Este Espírito é também aquele que sonda as profundezas de Deus (Pai)... Ninguém conheceu o que há em Deus senão o Espírito de Deus (1 Cor 2, 11).*”¹⁴⁵

Portanto, o Deus revelado *em* Jesus e *por* Jesus é Uno e Trino. Portanto, “Trindade é o mistério da comunidade das pessoas divinas, mistério de fé, de salvação, de comunhão e de amor. Não é e não pode ser mistério lógico porque justamente funda uma lógica nova: *a lógica da gratuidade, do amor, do Dom.*”¹⁴⁶ O Deus cristão é Pai, Princípio e Fim da Salvação; é Filho, Mediador da Salvação; e é Espírito Santo, Motor da Salvação. E o ser humano só pode penetrar neste mistério trinitário de amor através de *Jesus* que foi enviado pelo *Pai* e viveu toda sua existência no *Espírito*.

¹⁴² BINGEMER, M. C. Encontro com o Deus de Jesus Cristo (Trindade). In: *Iniciação Teológica...* Op. cit., p. 21. Grifo nosso.

¹⁴³ Ibid. p. 22. Grifo nosso.

¹⁴⁴ BOFF, Lina. Op. cit., p. 64

¹⁴⁵ BOFF, L. *A Trindade e a sociedade*. Série II: O Deus que liberta seu povo. Petrópolis: Ed. Vozes, 1987. pp. 51-52. Grifo nosso.

¹⁴⁶ BINGEMER, M. C. Encontro com o Deus de Jesus Cristo (Trindade). In: *Iniciação Teológica...* Op. cit., p.26. Grifo nosso.

2.4.

Balanco da investigação sobre a Experiência Histórica do Espírito de Deus em Jesus

Nossa intenção é a de reunir agora, e de forma sintética, os principais dados que pudemos recolher sobre a ação do Espírito Santo em Jesus de Nazaré e que se encontra relatada no Segundo Testamento. Usaremos o mesmo método utilizado no primeiro capítulo quando fizemos o balanço da investigação das três imagens que no Primeiro Testamento apontam para a presença e atuação do Espírito de Deus no povo de Israel. Iremos, portanto, elencar estes dados recolhidos em duas grandes linhas: *identidade* (quem é o Espírito de Deus revelado na pregação e práxis de Jesus) e *ação* (como age esse Espírito em Jesus de Nazaré). Estas informações nos darão a possibilidade de mais tarde *conhecer melhor quem é o Espírito revelado nas páginas da Sagrada Escritura* e elencar os *critérios de discernimento* que nos possibilitarão avaliar se é realmente o Espírito de Deus que está atuando hoje em nós e no mundo.

2.4.1

Identidade: Quem é o Espírito que se revela em Jesus?

A partir daquilo que acabamos de refletir sobre a vida, morte e ressurreição de Jesus, sobre sua práxis e pregação, sobre a revelação inaudita que faz sobre Deus e sobre sua relação única com o Espírito Santo podemos dizer que este Espírito é: a) a *Luz* que capacita Jesus para reconhecer sua própria vocação e missão de eleito e enviado do Pai; b) a *Força Animadora (coragem)* que dá condições a Jesus de Nazaré de assumir livremente seu messianismo de serviço; c) a *Força Sobrenatural* que atua em Jesus em momentos particulares como quando ele enfrenta o Tentador, ou quando expulsa o demônio, ou ainda quando cura os doentes; d) a *Voz de Deus* no coração de Jesus “segredando-lhe” como deve ser sua pregação sobre o Reino de Deus e a respectiva prática coerente com este Reino (acolhimento a todos os excluídos); e) a *Inspiração* que possibilita Jesus perdoar todos/as que desejam e que se percebem necessitados/as dessa oferta maravilhosa; f) a *Liberdade* que habita Jesus e que lhe propicia ser livre diante de uma sociedade civil e religiosa tão marcada pelo preconceito e por leis escravizantes; g) o *Mestre* de Jesus que lhe possibilita ensinar com autoridade e a

viver a “Pedagogia da Inclusão”; h) o *Mistagogo* que introduz Jesus no Mistério de Deus e lhe proporciona experimentar Deus como Abbá; i) o *Amor* que plenifica Jesus levando-o a amar sem impor condições, a amar todo ser humano, somente porque é humano; j) o *Princípio de Discernimento* que conscientiza Jesus da necessidade de transformar Israel que havia se tornado uma sociedade corrompida, hipócrita, falsa, legalista, gananciosa, fanática, sectária e mentirosa; l) o *Protagonista* de toda vida de Jesus de Nazaré. Falar isso não significa dizer que Jesus não mantinha sua liberdade e que não fez suas próprias escolhas, mas que fez tudo isso sob a “orientação” do Espírito, ao qual esteve sempre aberto e receptivo; m) a *Interioridade Profunda* de Jesus que age nele *desde dentro*, isto é, que *o inabita* constantemente; n) a *Alegria* que exulta no coração de Jesus em seus momentos de intimidade com o Pai e de relacionamento com os “pequeninos”; o) o *Sustentáculo* de Jesus em todas as horas de dificuldade, de dúvida, de traição, de abandono e de dor; p) o *Consolador*, em quem Jesus encontra apoio nas horas mais difíceis de sua vida terrena; q) a *Confirmação Divina* necessária para que Jesus possa continuar com sua opção pelos pobres, pecadores e pequeninos; r) a *Verdade plena* que guiará os discípulos de Jesus em sua ausência; s) o *Amor Materno*, o *Amor Concebente Fértil* que possibilita a Maria, mesmo sendo virgem, gerar em seu ventre o próprio Deus feito fraqueza humana, Jesus de Nazaré; t) o *Comunicador de Humanidade* que possibilita ao Nazareno ser “ser humano” em plenitude; u) o *Deus Vulnerável* que acompanha, conduz e envolve Jesus em toda sua vida e que na cruz também padece (*Espírito da Paixão*), também agoniza também se esvazia! v) o *Princípio de Vida Eterna* que ressuscita Jesus, fazendo do fim aparente, a morte, um *novo e maravilhoso começo*; x) o *Santificador* que está tão intimamente ligado a Jesus que se torna o *Espírito de Cristo*.

Parece-nos que essas características recolhidas da experiência histórica de Jesus de Nazaré com o Espírito de Deus estão muito próximas daquelas características que encontramos a partir da investigação que fizemos no primeiro capítulo desta pesquisa em relação à revelação de Deus como Espírito a partir das metáforas usadas no Primeiro Testamento (*Rûah Iahweh*, *Sophía* e *Shekinah*). Portanto, entendemos ser pertinente afirmar que há uma coerência entre as experiências com o Espírito de Deus narradas nos dois Testamentos, apesar de precisarmos

destacar que com Jesus Cristo ela ganha uma *relevância inaudita*, a saber o Espírito Santo é Deus!

2.4.2

Ação: Quais os *critérios* que nos ajudam a *discernir* que “espírito” agiu em Jesus?

Segundo o que pudemos observar sobre a forma de agir do Espírito Santo em Jesus podemos afirmar que sua ação se dá: a) no “*silêncio*” do *extraordinário* acontecendo no *ordinário* da vida de Jesus de Nazaré; b) possibilitando a *relação* entre Jesus e o Pai, e entre Jesus e os seres humanos; c) dando *força, luz, discernimento, sustentação, liberdade, inspiração, coragem* para que Jesus possa viver seu messianismo de serviço; d) na *alegria* que exulta no coração de Jesus quando se experimenta amado e acolhido pelo Pai e igualmente quando se encontra com os “preferidos/as” do Deus do Reino; e) *autolimitando-se, auto-rebaixando-se* para que Jesus seja o “Deus conosco” anunciando e vivendo o Reinado do Pai. Esta é a *kénosis* do Espírito! Aquele que age “esvaziando-se de si próprio” para que o Pai e o Filho possam ser reconhecidos e louvados.

Podemos ainda destacar que a ação do Espírito Santo em Jesus: a) unge-o *para* ser o Messias Servidor; b) fortalece-o *para* vencer o mal que impede a atuação do Reino; c) ilumina-o *para* ser no mundo a Palavra do Pai; d) encoraja-o *para* ser fiel ao projeto amoroso do Pai; e) liberta-o *para* que ele seja a Liberdade que liberta a humanidade; f) capacita-o com seus dons *para* que os partilhe com os seres humanos. Desta forma Jesus cura, perdoa, ensina, acolhe os excluídos, resgata os marginalizados; g) introduzindo-o no Mistério de Deus *para* que ele encontre o amor restaurador do Pai que lhe possibilitará partilhá-lo com seus irmãos/ãs. Fizemos questão de frisar quais são as *finalidades* ou *objetivos* da ação do Espírito de Deus em Jesus de Nazaré para que sirvam de *critérios de discernimento* sobre a ação deste mesmo Espírito que continua agindo hoje no mundo. Como podemos constatar toda a ação do Espírito Santo em Jesus *tem como finalidade sua abertura a Deus e aos irmãos e as irmãs*. Este Espírito nunca leva Jesus a fechar-se em si mesmo, mas pelo contrário é ele que *possibilita a relação* entre Jesus e os outros/as e o grande Outro.

Com estes elementos recolhidos sobre a ação do Espírito de Deus na vida do Nazareno nos encontramos agora preparados/as para adentrar-nos na Experiência

Histórica que as comunidades cristãs da primeira hora fazem com este Espírito e que se encontra retratada no Segundo Testamento. Conheceremos como se dá sua ação na vida dos primeiros cristãos/ãs, fazendo-os viver o *seguimento a Jesus no Espírito*. Este é o tema que abordaremos no próximo capítulo.